



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



## Albert Raffelt

Rahner e a inovação do pensamento teológico

E mais:

## John Milbank

Rahner “comprometeu a comunicação da fé”

>> Elmar Altvater:  
O crescimento nos torna  
mais pobres

## Érico João Hammes

As vantagens e limites de Rahner para o Vaticano II

>> Francisco Salzano:  
Darwin revolucionou  
nossa visão cósmica

# 297

Ano IX

15.06.2009

ISSN 1981-8469



# Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II

Desde o Concílio do Vaticano II, realizado há mais de 40 anos, a Igreja traçou novas perspectivas, renovou-se, marcou sua entrada oficial na modernidade. A construção desse novo paradigma contou com a participação de um dos teólogos mais importantes do século XX, Karl Rahner.

Por ocasião do centenário de nascimento de Karl Rahner, em 2004, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promoveu o **Simpósio Internacional sobre Teologia Pública**. Agora, quando se celebra o 25º ano do falecimento do teólogo alemão, a revista **IHU On-Line** debate o legado da sua obra teológica, que marcou a trajetória da Igreja.

Contribuem nesta edição **Rosino Gibellini**, diretor da renomada coleção Biblioteca de Teologia Contemporânea, editada pela Editora Queriniana, de Brescia, Itália, **John Milbank**, professor do Departamento de Teologia e Estudos Religiosos da Universidade de Nottingham, no Reino Unido, o teólogo **Aeron Riches**, seu assistente, **Albert Raffelt**, professor honorário de Teologia dogmática em Freiburg, **Érico João Hammes**, professor de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (UFRGS), **João Batista Libânio**, docente na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, **Mário de França Miranda**, professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e **Heidi Russell**, professora da Loyola University, em Chicago e integrante da Karl Rahner Society.

Completam esta edição as entrevistas com **Elmar Altvater**, professor de Ciência Política na Universidade Livre de Berlim, continuando o debate sobre uma ecoeconomia, tema de capa de uma edição anterior; **Elton Ribeiro**, doutorando em Filosofia na Gregoriana, analisando a obra de Charles Taylor, *A secular age*, a ser editada em português pela Editora Unisinos; **Flávio Lewgoy**, professor aposentado do Departamento de Genética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sobre os danos dos agrotóxicos à saúde humana, tema de capa da edição anterior da nossa revista; e **Francisco Mauro Salzano**, pesquisador da UFRGS, sobre a novidade de Charles Darwin.

Esta edição da **IHU On-Line** é patrocinada pela Fundação Ética Mundial, cujo escritório brasileiro funciona no IHU.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!



UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

Expediente

**IHU On-Line** é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Revisão: André Dick (ahdick@unisinos.br). Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling e Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br). IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br). Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) - ramal 4121.

## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | Albert Raffelt: Rahner e a inovação do pensamento teológico

PÁGINA 10 | Rosino Gibellini: O primeiro teólogo católico moderno

PÁGINA 14 | John Milbank e Aeron Riches: Rahner “comprometeu a comunicação da fé”

PÁGINA 20 | Érico João Hammes: “Cristianismo e Igreja adquiriram feições muito plurais, mas encolhem rapidamente em vários continentes”

PÁGINA 24 | João Batista Libânio: Rahner e a entrada da Igreja na modernidade

PÁGINA 27 | Mário de França Miranda: Um teólogo da modernidade

PÁGINA 30 | Heidi Russell: A teologia de Rahner como paradigma

### B. Destaques da semana

» Terra Habitável

PÁGINA 33 | Elmar Altvater: “O crescimento não nos torna mais ricos, mas sim mais pobres”

» Entrevista da Semana

PÁGINA 35 | Flávio Lewgoy: Técnicas agroecológicas podem substituir uso de agrotóxicos

» Livro da Semana

PÁGINA 37 | Elton Vitoriano Ribeiro: “Em uma era secularizada o perigo de se construir um horizonte fechado é muito grande”

» Destaques On-Line

PÁGINA 40 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 44 | Francisco Mauro Salzano: Darwin revolucionou nossa visão cósmica

» IHU Repórter

PÁGINA 46 | Camila Padilha da Silva



UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa



## Bibliografia - Karl Rahner

Karl Rahner nasceu em Freiburg, na Alemanha, em 5 de março de 1904. Sacerdote católico jesuíta e um dos mais influentes teólogos do século XX, participou como teólogo do Concílio Vaticano II (1962-1965) deixando uma contribuição fundamental.

Seu trabalho se caracteriza pela tentativa de reinterpretar a teologia católica romana tradicional à luz do pensamento filosófico moderno. Bernard Lonergan classificava a obra de Rahner como um “tomismo transcendental”, enquanto outros referem-se à sua antropologia teológica.

Tomismo, kantismo e a fenomenologia contemporânea e o existencialismo são as fontes do seu pensamento. Nos primeiros anos de estudos com os jesuítas, leu a fundo as obras de Immanuel Kant e Joseph Maréchal, bem como as de Tomás de Aquino.

Em 1969, foi um dos 30 escolhidos pelo Papa Paulo VI para avaliar os desenvolvimentos teológicos do Concílio.

Estudou filosofia durante o noviciado de Pullach, entre 1924 e 1927. Foi ordenado sacerdote em 1932. Concluiu os estudos de teologia em Valkenburg em 1933. Entre 1937 e 1964, lecionou teologia dogmática em Innsbruck. A seguir, foi professor na Faculdade de Filosofia da Universidade de Munique.

Um dos criadores da revista *Concilium*, escreveu mais de 800 artigos e ensaios.

Faleceu em Innsbruck, em 30 de março de 1984.

### Bibliografia

*Worte ins Schweigen* (1938)

*Geist in Welt* (1939)

*Hörer des Wortes. Zur Grundlegung einer Religionsphilosophie* (1941)

*Schriften zur Theologie*, 16 Volumes (1954-1984)

*Sendung und Gnade* (1959) – *Missão e graça* (Petrópolis: Vozes, 1964-1965. 3 v.)

*Grundkurs des Glaubens* (1976) – *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo* (São Paulo: Paulinas, 1989)

*Handbuch der Pastoraltheologie*, 5 Volumes (1964-1972)

*Sacramentum mundi*, 4 Volumes (1967-1969)

## Rahner e a inovação do pensamento teológico

Para o teólogo Albert Raffelt, Rahner se destacou no Concílio do Vaticano II por que seu objetivo não era apenas conseguir maior conhecimento teológico, mas atuar em prol da fé, da esperança e do amor

POR MOISÉS SBARDELLOTTO E PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO WALTER O. SCHLUPP

“Podemos e devemos continuar na linha da sua resposta: o ser humano como ente da transcendência, fundado no mistério de Deus e orientado para ele”, propõe o teólogo Albert Raffelt, ao recordar a participação de Karl Rahner no Concílio do Vaticano II. Segundo ele, o teólogo alemão se empenhou pela inovação do pensamento teológico. “Para Rahner, a teologia não era assunto meramente teórico. Por mais que ele considerasse necessário o raciocínio rigoroso e o conhecimento teológico acadêmico tradicional, seu objetivo não era apenas conseguir maior conhecimento teológico, mas atuar em prol da fé, da esperança e do amor.”

Na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, Raffelt aponta que mais importante do que a influência de Rahner na mudança de rumos da Igreja “é o fato de a grande abertura provocada pelo Concílio continuar sendo lembrada, que a mentalidade sectária de alguns grupos tradicionalistas não ganhe influência nem consiga questionar a autoridade do Concílio”.

Raffelt cursou Teologia em Münster, em München e em Mainz, e foi assistente científico junto a Karl Lehmann em Freiburg, na Brisgóvia. É doutor em Teologia com a tese *Espiritualidade e Filosofia: sobre o problema da mediação da experiência religioso-espiritual em L'Action de Maruice Blondel*. Desde 2000, é professor honorário de Teologia dogmática em Freiburg. Entre suas diversas publicações, citamos *Theologie studieren: Wissenschaftliches Arbeiten und Medienkunde* (Freiburg: Herder, 2003). Raffelt organizou, ao lado do cardeal Karl Lehmann, a obra *Rechenschaft des Glaubens: Karl Rahner-Lesebuch* (Zürich: Benziger; Freiburg: Herder, 1979). Juntamente com Hansjürgen Verweyen publicou o livro *Leggere Karl Rahner (Ler Karl Rahner)*, (Brescia: Queriniana, 2004). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual foi a principal contribuição de Karl Rahner para o diálogo entre modernidade e teologia?**

**Albert Raffelt** - Para se visualizar o ponto de partida de Rahner, é preciso considerar a situação da teologia e da Igreja na primeira metade do século XX. A Igreja Católica tinha elaborado um sistema de ideias baseado na tradição escolástica; este, em si, era muito inteligente, mas tinha perdido o contato com a cultura viva e a filosofia moderna. Rahner não se desfez do pensamento escolástico, mas mostrou que este era aberto para os enfoques da modernidade. Ele tentou mostrar que uma abordagem “tomista” tinha condições de encarar perguntas de

Kant<sup>1</sup> ou Hegel,<sup>2</sup> aliás, precisava fazê-

1 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, disponível em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1161093369.8pdf.pdf>, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*. Os Cadernos IHU em formação estão disponíveis para download na página <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1158328261.83pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

2 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos

lo. *Geist in Welt* (1939 = *Espírito em el mundo*. Barcelona 1963) é a tentativa de elaborar uma metafísica que parte da dependência humana da cognição sensorial, porém mostra a transcendência do Espírito em cada ato cognitivo.

**IHU On-Line - Pode-se dizer que Rahner colaborou com uma nova visão antropológica e cosmológica? Em que ela consistiria? Que estudos e**

da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1177963119.41pdf.pdf>. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1213054489.296pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

vivências ajudaram-no a dar um salto teológico?

**Albert Raffelt** - O mencionado fundamento filosófico do pensamento de Rahner implica encarar a moderna fundamentação da metafísica no sujeito [como ente que] conhece [*erkennendes Subjekt*, sujeito cognoscitivo]. Pensadores como Maurice Blondel<sup>3</sup> oder Joseph Maréchal<sup>4</sup> criaram pontes entre a filosofia moderna e o pensamento católico. Rahner continuou nessa trilha. Ele também acolheu a questão teológica fundamental de conceber o ser humano como ouvinte de uma possível revelação (*Hörer des Wortes*. 1941 = *Oyente de la palabra*. Barcelona 1967); com este ponto de partida, ele perguntou pelas premissas antropológicas para se compreender a mensagem cristã.

A relação entre teologia e antropologia, porém, é ainda mais íntima. Não se trata apenas da questão das premissas para a compreensão. O cristianismo é a religião da encarnação [*Menschwerdung*, humanificação] de Deus. O ser humano faz parte do mistério de Deus. Por isso, a antropologia, a questão sobre a natureza de um ente que está aberto para a autocomunicação de Deus, está, em sua própria essência, ligada à teologia. Isto também tem a ver com o caráter universalista da proclamação cristã. O cristianismo não é uma seita isolada.

Diversas são as fontes dessa teologia. A teologia acadêmica escolástica é suplementada por estudos dos pais da Igreja. Aí entram as grandes interpretações de teólogos franceses, especialmente de Henri de Lubac;<sup>5</sup> a

<sup>3</sup> Maurice Blondel (1861-1949): filósofo francês. Mestre de conferências na Universidade de Lille, 1895-1896. Professor em 1897 na Universidade de Aix-en-Provence, permanecendo no posto até sua enfermidade em 1927. Conhecido por sua filosofia da ação, que partia de um intuicionismo inicial, irrompendo para um espiritualismo metafísico antipositivista, com aparência neoplatônica e tomista, eclética e misticista, com algumas moderações, e que o aproximam ao existencialismo cristão. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Joseph Maréchal (1878-1944): padre jesuíta belga, filósofo e psicólogo no Instituto Superior de Filosofia da Universidade de Leuven. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Henri de Lubac (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso por Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi convidado a participar do Concílio

teologia do fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola,<sup>6</sup> recebe nova interpretação.

Finalmente, deve-se mencionar diferentes diálogos, por exemplo, com cientistas da Paulus-Gesellschaft.<sup>7</sup> Neste contexto, Rahner também se ocupou de questões cosmológicas, como a questão de como o cristianismo pode ser concebido numa cosmologia evolutiva. Mas estas são aplicações concretas de uma concepção teológica central, de um universalismo cristão otimista quanto à salvação, se é que se pode sintetizá-lo com chavões.

**IHU On-Line - Em que a proposta de Rahner ajudaria a superar a chamada “crise antropológica” atual? Ou o tempo de hoje exige uma nova mudança teológica?**

**Albert Raffelt** - Não sei bem a que se refere essa crise. Atualmente, o principal embate certamente acontece com o chamado naturalismo, que procura contornar toda e qualquer pergunta pelo sentido, reduzindo o ser humano a suas funções neurofisiológicas, assim negando o livre-arbítrio e a decisão, em última análise reduzindo também a ética ao funcionalismo pragmático. Continuo acreditando que um pensamento filosófico transcendental apresenta possibilidades de responder a essas tentativas.

Vaticano II como perito. O Papa João Paulo II o nomeou cardeal em 1983. Em 1991, Lubac faleceu. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Inácio de Loyola: quando tinha 30 anos, Inácio de Loyola, ao empenhar-se na defesa da praça de Pamplona, em Loyola, é ferido nas pernas por uma bala durante o cerco francês à cidade, em 20 de maio de 1521. Submetido a várias cirurgias, ocupa-se durante o longo restabelecimento no castelo de Loyola, com a leitura de história de Santos e “Uma Vida de Cristo”. Este seria para ele o princípio de um mergulho profundo. Inácio vai aos poucos trocando a imaginação dos feitos dos cavaleiros, pelas realizações dos santos, assimilando seus propósitos de vida e se identificando cada vez mais com eles. Tão logo sentiu-se recuperado das cirurgias, Inácio de Loyola foi ao santuário de Nossa Senhora de Monserrate, próximo a Barcelona, para depositar suas armas diante do altar e assumir definitivamente a função de “soldado de Cristo”. Já despojado de todos os seus bens, esmolando e rezando, passou um ano em um lugarejo chamado Manresa, fazendo penitência, para atingir a purificação. (Nota da IHU On-Line)

<sup>7</sup> Paulus-Gesellschaft: associação fundada em 1955 para promover o diálogo entre as religiões cristãs, o marxismo e cientistas. (Nota da IHU On-Line)

Rahner não é o único garante disso, mas ele enveredou corajosamente nessa direção. Na teologia alemã, eu lembraria nomes como Hansjürgen Verweyen<sup>8</sup> ou Thomas Pröpper<sup>9</sup> (os quais, em alguns pontos, não deixam de fazer críticas a Rahner), mas principalmente na filosofia eu citaria pensadores como Emmanuel Lévinas,<sup>10</sup> além de Gerold Prauss<sup>11</sup> e Norbert Fischer,<sup>12</sup> para citar apenas uns poucos.

Passados 25 anos da morte de Rahner, muitas coisas mudaram no mundo. Muitas tendências Rahner percebeu muito cedo, como, por exemplo, os potenciais da nova biologia, inclusive a manipulação genética do ser humano. Podemos e devemos continuar na linha da sua resposta: o ser humano como ente da transcendência, fundado no mistério de Deus e orientado para ele. Numerosas possibilidades e riscos levantados pelo atual nível de conhecimento [científico] precisam ser sempre reavaliados.

**IHU On-Line - Quais foram as principais contribuições e qual a influência de Rahner no Concílio Vaticano II?**

**Albert Raffelt** - Karl Rahner sempre foi muito cauteloso ao se pronunciar sobre sua influência no Concílio. Neste, o trabalho dos teólogos foi um trabalho conjunto. Importantes eu consideraria os seguintes pontos: 1) Na fase de preparo do Concílio, Rahner providenciou, para o cardeal König<sup>13</sup> (Viena), uma leitura crítica dos

<sup>8</sup> Hans Jürgen Verweyen (1936): filósofo alemão. Foi professor na Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

<sup>9</sup> Thomas Pröpper (1941): dogmático católico e teólogo alemão. (Nota da IHU On-Line)

<sup>10</sup> Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo e comentarista talmúdico lituano, naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros, *Totalidade e infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, conferir a edição número 277 da IHU On-Line, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1224014804.3462pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>11</sup> Gerold Prauss (1936): filósofo alemão. (Nota da IHU On-Line)

<sup>12</sup> Norbert Fischer (1957): historiador da cultura e sociedade alemão. (Nota da IHU On-Line)

<sup>13</sup> Franz König (1905-2004): cardeal católico austríaco elevado pelo Papa João XXIII, foi ar-

trabalhos apresentados pelas comissões preparatórias; este foi um dos fatores a contribuir para que os bispos depois rejeitassem essas propostas. 2) No preparo das constituições dogmáticas *Lumen Gentium* e *Dei Verbum*, ele colaborou estreitamente com teólogos alemães, criando alternativas e melhorias, e apresentando com Joseph Ratzinger<sup>14</sup> (Bento XVI) uma proposta esquemática [*Schemaentwurf*] sobre a revelação. Embora esta não tenha sido aceita, não deixou de influenciar a discussão. 3) Com palestras perante diversas conferências episcopais, Rahner se empenhou pela inovação do pensamento teológico. Seu enraizamento na teologia acadêmica escolástica permitiu-lhe que o fizesse a partir desse fundamento, assim gerando compreensão para a teologia nova. 4) [Seu] trabalho concreto nas comissões e na elaboração de propostas de mudança teria que ser verificado caso a caso. Rahner ali foi um dos numerosos “carregadores de água” (*Wasserträger*) do Concílio, que contribuíram para que se formasse uma grande vertente. Em suma: Rahner com certeza foi um dos importantes orientadores teológicos do Concílio e sem dúvida exerceu grande influência sobre as conferências episcopais de língua alemã; mas no Concílio também houve outros teólogos de igual importância, inclusive alguns que tiveram mais influência sobre a elaboração das versões finais dos textos.

**IHU On-Line - É conhecida a afirmação de Rahner de que o cristão do século XXI é místico ou não é cristão. Em que consiste essa afirmação?**

**Albert Raffelt** - Para Rahner, a teologia não era assunto meramente teórico. Por mais que ele considerasse necessário o raciocínio rigoroso e o conhecimento

cebispo de Viena de 1956 até 1985 e um dos principais teólogos do Concílio Vaticano II. Também foi presidente da Conferência Episcopal Austríaca. (Nota da IHU On-Line)

<sup>14</sup> **Joseph Ratzinger**: teólogo alemão, atualmente Papa Bento XVI, foi escolhido pontífice em 19 de abril de 2005, sucedendo a João Paulo II. Anteriormente, era o Cardeal Joseph Ratzinger. Autor de uma vasta e importante obra teológica, um dos seus livros fundamentais, *Introdução ao cristianismo* está sendo republicado pelas Edições Loyola. (Nota da IHU On-Line)

teológico acadêmico tradicional, seu objetivo não era apenas conseguir maior conhecimento teológico, mas atuar em prol da fé, da esperança e do amor. Fé vivida somente é viável com base na experiência da proximidade de Deus. Se a gente chama isso de “mística”, não vem ao caso. Por isso já se encontram orações entre os primeiríssimos textos de Rahner. Seu primeiro texto publicado em 1925 trata da oração, seu primeiro livro é uma coletânea de orações (*Worte ins Schweigen*. 1938 = *Apelos ao Deus do silêncio*. Lisboa 1969, <sup>2</sup>1974), aliás também seu último livro: *Gebete des Lebens*. 1984 (*Oraciones de vida*. Madrid 1986).

O coração da teologia de Rahner é

**“Rahner não se desfez do pensamento escolástico, mas mostrou que este era aberto para os enfoques da modernidade”**

a experiência da graça. Esta não é um sentimento religioso. É uma experiência em que as funcionalidades deixam de ser determinantes, onde se experimenta bondade pura sem recompensa, onde ocorre renúncia sem agradecimento, onde a transcendência do Espírito não é vista como autoconfirmação ou enfeite do cotidiano, mas como deixar-se cair no mistério maior de Deus. Rahner descreveu isto também numa linguagem muito bela (*Alltägliche dinge* [Coisas do cotidiano]. 1964 = *Everyday things*. London 1965). Aí está o dinamismo da sua teologia, que é uma teologia da graça universal. Aí também se encontra o centro da sua religiosidade pessoal.

**IHU On-Line - Em um tempo de pluralismo religioso e de busca de maior**

**diálogo com as diferentes religiões, qual a importância do conceito de “cristão anônimo”? Como essa ideia pode ser hoje reinterpretada?**

**Albert Raffelt** - Talvez não se deva dar tanta importância à expressão “cristão anônimo”. Não passa de um chavão, mesmo que adequado e estimulante, quando se pensa nas discussões que ele desencadeou. A ideia, que é a possibilidade de salvação de *todas* as pessoas<sup>15</sup>, também foi formulada por teólogos que criticam essa expressão, como Hans Urs von Balthasar<sup>16</sup> ou Joseph Ratzinger. Ela também foi enunciada no Concílio Vaticano II. Rahner vai mais longe, ao tentar formular a maneira como essa possibilidade de salvação pode ser concebida no seio da teologia católica tradicional de modo tal que continuem preservados o significado universal de Jesus Cristo e a Igreja como *sacramentum mundi*.

Frente a tentativas que hoje são formuladas como “teologia pluralista da religião”, Rahner sempre insistiu na pretensão absoluta da mensagem cristã. Rahner deixou igualmente claro que essa pretensão não deve levar a um integralismo eclesial ou a uma comunhão religiosa obrigatória. A mensagem do cristianismo é uma mensagem de liberdade. A “última palavra de Deus” não restringe o ser humano, mas o convida para a comunhão com Deus.

<sup>15</sup> Ou seja, “cristão anônimos” seriam os que não se consideram cristãos, mas que, segundo esta ideia, também seriam salvos. (Nota do tradutor)

<sup>16</sup> **Hans Urs Von Balthasar** (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde doutorou-se em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia e Literatura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patristico e contemporâneo. Entre suas obras, destacam-se *O cristianismo e a angústia* (1951), *O mistério das origens* (1957), *O problema de Deus no homem atual* (1958) e *Teologia da história* (1959). A edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, *Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*, publicou uma entrevista com Ignácio J. Navarro, intitulada *Borges e Von Balthasar. Uma leitura teológica*, disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158343116.57pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Qual é a importância de se recuperar o pensamento de Rahner na atual conjuntura da Igreja?**

**Albert Raffelt** - Acontece que a teologia de Rahner trata do aspecto central: a significação absoluta de Deus e da sua autocomunicação para o ser humano no Espírito e na história (encarnação).

Mas, além disso, existem numerosos enfoques menores em que os esforços de Rahner continuam servindo de modelo. Dele podemos aprender, por exemplo, que a percepção dos problemas é a premissa para sua solução. Ele tinha um faro apurado para novos problemas e questões urgentes: desde a ecumene até as questões estruturais do ministério no seio do catolicismo, desde a posição do leigo ou da mulher na Igreja até as questões limítrofes entre teologia e ciências naturais, desde os desafios políticos (na época, por exemplo, o diálogo com marxistas na Paulus-Gesellschaft) até a globalização e as transformações pelas quais a Igreja precisa passar no mundo globalizado, se ela quiser entender-se como Igreja mundial. A publicação dos escritos tardios de Rahner nas suas obras completas mostra como ele se preocupa com o fato de problemas não serem percebidos e soluções não serem tentadas. Para ele, esta é uma forma errada de se pensar na segurança. Contra isso ele exigia o “tutorismo”<sup>17</sup> da ousadia”, única forma de manter abertas as possibilidades do futuro.

**IHU On-Line - Quais são as características político-sociais de Igreja a partir dessa mudança de rumos a partir do Concílio, que teve a influência marcante de Rahner?**

**Albert Raffelt** - Rahner com certeza diria que não importa onde estão as marcas resultantes da sua influência. Muitos prepararam e contribuíram para a transformação libertadora da Igreja desde o Concílio Vaticano II: éticos sociais como Oswald von Nell-Breuning,<sup>18</sup> teólogos da moral como John Court-

<sup>17</sup> Estratégia que prioriza a segurança. (Nota do tradutor)

<sup>18</sup> Oswald von Nell-Breuning (1890-1993): jesuíta alemão, um dos grandes teóricos da Doutrina Social da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

## “Rahner também se ocupou de questões cosmológicas, como a questão de como o cristianismo pode ser concebido numa cosmovisão evolutiva”

ney Murray,<sup>19</sup> teólogos sistemáticos como Henri de Lubac, para mencionar apenas alguns dos grandes teólogos jesuítas. Rahner defendeu a teologia da libertação e a “opção pelos pobres”. Nisso ele não foi pioneiro, mas deu seu apoio à esforços sérios e procurou mostrar e preservar sua continuidade com a tradição da Igreja. Mais importante que a questão da influência de Rahner sobre essa evolução é o fato de a grande abertura provocada pelo Concílio continuar sendo lembrada, que a mentalidade sectária de alguns grupos tradicionalistas não ganhe influência nem consiga questionar a autoridade do Concílio.

**IHU On-Line - Quais são os avanços no diálogo inter-religioso e no ecumenismo a partir das ideias defendidas por Rahner no Concílio?**

**Albert Raffelt** - Os esforços de Rahner visando o diálogo ecumênico começaram bem antes. Já durante a Segunda Guerra Mundial, fundou-se um grupo de contato entre as Igrejas Evangélica e Católica na Alemanha, o qual depois se transformou num grupo de trabalho. Inicialmente, as possibilidades de trabalho estavam muito restritas pelos regulamentos eclesiásticos. Em termos de Igreja

<sup>19</sup> John Courtney Murray (1904-1967): ingressou na Companhia de Jesus em 1920. Foi ordenado padre em 1933 e recebeu o doutorado em teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, em 1937. Posteriormente, assumiu o teologato jesuíta em Woodstock, Maryland, onde foi professor de teologia até a morte. Além disso, Murray editou a revista *America* e a revista acadêmica *Theological Studies*. (Nota da IHU On-Line)

ja mundial, o Concílio já provocou uma abertura no sentido de também teólogos evangélicos poderem participar como observadores, sendo que mais tarde esses contatos foram institucionalizados. Mas isto não é mérito de Rahner. Nesse aspecto, cabe mencionar o cardeal Bea. A teologia ecumênica de Rahner propriamente dita só foi elaborada após o Concílio. Seu ponto de partida é que teologia ecumênica não deve ser teologia da controvérsia, fixada nas diferenças, mas deve partir do grande tesouro conjunto da fé das Igrejas cristãs, o qual deve servir de base para a busca de possibilidades de aproximação.

As questões ainda mais difíceis do diálogo inter-religioso Rahner tentou abordar pouco antes do Concílio, interpretando as religiões e o mundo não-cristão em geral sob a ótica da dogmática católica, a qual parte da noção da oferta universal de salvação por parte de Deus e conclui com a palavra de São Paulo: “O que não conheceis, mas adorais, isso vos proclamo” (Atos dos Apóstolos 17, 23). Rahner parte da declaração de fé cristã, que visa a salvação de todas as pessoas. Essa declaração de fé não é açambarcamento da outra pessoa (ser “cristão anônimo” não é algo que uma pessoa não-cristã diria sobre si própria!), mas uma oferta. Em última análise não se trata de uma oferta da “Igreja” enquanto comunidade confessional, mas de Deus.

**IHU On-Line - Qual é a concepção de Deus de Rahner? Em que consiste a ideia da incompreensibilidade de Deus e do Mistério, tão presentes na obra do teólogo?**

**Albert Raffelt** - Rahner é o teólogo da experiência de Deus, da experiência da proximidade de Deus. Esta ele tentou vivenciar como cristão, como integrante de ordem religiosa e como sacerdote, ao longo de sua vida ao longo do século XX, marcado por muitas convulsões – guerras, revoluções, reviravoltas sociais – no meio eclesiástico tradicional, no desempenho das formas de vida eclesiais conven-

cionais, mas sempre com o olhar voltado para o mundo, a sociedade e suas transformações. Ele sempre resistiu a todo e qualquer estreitamento da concepção de Deus bem como do conceito de Igreja que questionasse a universalidade da mesma. Deus, que sempre é maior – premissa inaciana básica do jesuíta –, marcou seu pensamento e sua vida. Isto conduz o pensamento necessariamente para o mistério. O fato de Deus ser incompreensível [*unbegreiflich*] constitui tema central principalmente nas duas últimas décadas da sua vida. Esse fato significa que a compreensão em si tem seus fundamentos no mistério, na abertura que ultrapassa toda e qualquer definição concreta [*Dingfestmachen*]. O mistério de Deus ser incompreensível está em seu amor vir ao nosso encontro. O amor não é “compreensível”.

## LEIA MAIS...

>> Albert Raffelt concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Ela está disponível em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158261608.85word.doc>

Entrevista:

\* “Deus é o homem e o será eternamente”. Publicada na edição número 102, de 24-05-2004, intitulada *Deus e a humanidade: algo a ver? Karl Rahner 100 anos*.

## BAÚ DA IHU ON-LINE

>> Sobre o teólogo alemão Karl Rahner, a IHU On-Line publicou outra edição especial, no ano de 2004, em ocasião ao Simpósio Internacional O lugar da teologia na universidade do século XXI. Edição:

\* *Deus e a humanidade: algo a ver? Karl Rahner 100 anos*. Edição número 102, de 24-5-2004, disponível no endereço eletrônico <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158261608.85word.doc>;

• Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler na IHU On-Line número 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*.

>> Confira também nos *Cadernos Teologia Pública* o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes.

## O primeiro teólogo católico moderno

Para Gibellini, Karl Rahner compreendeu os sentidos dos desafios da modernidade para a teologia cristã

POR MOISÉS SBARDELOTTO, MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN | TRADUÇÃO CRISTINA TAGLIARI

**S**e a modernidade é caracterizada pela racionalidade crítica, a partir de Descartes e Kant, foi com Rahner que o exercício dessa mesma racionalidade foi introduzido na teologia católica, em substituição à racionalidade metafísica da neoescolástica e da prática católica. Para o teólogo italiano Rosino Gibellini, Rahner, especialmente no momento histórico do Concílio Vaticano II, colocava-se na linha da renovação e se ocupava em lançar uma ponte entre tradicionalistas e progressistas. Segundo Gibellini, a teologia de Rahner estava em plena sintonia com o grande projeto inovador do Concílio.

“Rahner é o protagonista da virada antropológica na teologia católica, que mantém ‘o ouvinte da Palavra’ sempre presente na proposição da verdade cristã, e se confronta, portanto, com a cultura moderna. Essa é uma das maiores linhas da teologia do século XX, que se diferencia (sem se contrapor) das teologias da identidade católica, representadas pelas figuras de Von Balthasar e Ratzinger”, afirma.

Rosino Gibellini é doutor em teologia pela Universidade Gregoriana de Roma e doutor em filosofia pela Universidade Católica de Milão. Dirige as coleções *Giornale di Teologia e Biblioteca de teologia contemporânea* da Editora Queriniana de Brescia, Itália. O estudioso é autor, entre outros livros, de *A teologia do século XX* (São Paulo: Edições Loyola, 1998). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais eram, para Rahner, os principais desafios e as principais possibilidades da modernidade para a vida de fé?**

**Rosino Gibellini** - Karl Rahner compreendeu os sentidos dos desafios da modernidade para a teologia cristã, assim como, em seu tempo, Schleiermacher<sup>1</sup> as tinha compreendido. Na análise da situação cultural e teológica – a qual era possível diagnosticar já nos anos 50 do século XX –, Rahner identificava três elementos característicos: a) vivemos numa so-

cidade secular e pluralista, em que os enunciados da fé perderam a sua obviedade; b) justamente com o pluralismo, é preciso registrar um aumento dos conhecimentos em todas as áreas do saber, o que torna particularmente difícil fazer sínteses; c) a essas dificuldades modernas da anunciação cristã e do fazer teologia, deve-se acrescentar uma espécie de enrijecimento (*Fixierung*) e de incrustação (*Verkrustung*) de conceitos teológicos que, permanecendo imutáveis no decorrer dos séculos, não correspondem mais à situação transformada da vida e da cultura do homem moderno. Daí a sua tentativa de uma reforma metodológica da teologia católica.

<sup>1</sup> Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834): teólogo, filósofo e pedagogo alemão. Foi responsável pela aparição da teologia liberal, negando a historicidade dos milagres e a autoridade literal das Escrituras. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Como avaliar as ideias de Rahner, claramente em diálogo com a modernidade, quando alguns pensadores afirmam que já estamos vivendo na pós-modernidade? Rahner estaria superado?**

**Rosino Gibellini** - Poder-se-ia dizer que Rahner é o primeiro teólogo católico moderno. A modernidade é caracterizada pela racionalidade crítica (Descartes,<sup>2</sup> Kant), e Rahner introduziu na teologia católica o exercício da racionalidade crítica, que iria substituir a racionalidade metafísica da neoescolástica e da prática católica. A grande teologia francesa visava principalmente uma reforma do tomismo na linha de Maritain<sup>3</sup> e Gilson.<sup>4</sup> A tentati-

2 René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

3 Jacques Maritain (1882-1973): filósofo francês. O pensamento tomista de Maritain serviu-lhe de parâmetro para a abordagem e julgamento de situações concretas como a política, a educação, a arte e a religião vigentes. Mas tratou também da base da gnosiologia, decidindo-se pelo realismo imediato e intuição do ser, tal como no aristotelismo e na escolástica originária. Diferenciou a filosofia e a ciência experimental, bem como as diversas ciências filosóficas. Advertiu para a diferença entre o tema da lógica e o da gnosiologia. Foi um dos principais expoentes do tomismo no século XX. Uma de suas obras principais é *Por um humanismo cristão* (São Paulo: Paulus, 1999). Sobre Maritain, confira o recém-lançado *Maritain à contre-temps: Pour une démocratie vivante* (Paris: Desclée de Brouwer, 2007), do filósofo jesuíta Paul Valadier. (Nota da IHU On-Line)

4 Étienne Gilson (1884-1978): historiador e filósofo, nasceu em 1884 em Paris. É considerado o maior medievalista do século XX, tanto pela quantidade de suas obras, tanto pela originalidade das teses que levantou. Gilson começou seu itinerário pela história da filosofia, sendo um dedicado estudioso da filosofia moderna. Formou-se em filosofia após ter participado das aulas de Victor Delbos, Lucien Levy-Bruhl e Henri Bergson. Em 1946, obteve a distinção de ser escolhido como “Imortal” da Academia Francesa. Foi professor das universidades de Lille, Estrasburgo e Paris, na França, assim como em Harvard, nos Estados Unidos. Também fundou, em Toronto, no Canadá, o Instituto Pontifício de Estudos Medievais. Entre os seus principais estudos, encontram-se o *Le thomisme. Introduction au système de*

va de Rahner é mais ousada.

E o dever do exercício da racionalidade crítica na teologia permanece também no tempo da pós-modernidade, que é interpretada como “modernidade tardia” (Habermas<sup>5</sup>) ou como “nova modernidade” (Robert Schreiter<sup>6</sup>): o exercício da racionalidade crítica deverá unir-se, no tempo da pós-modernidade, à atenção aos temas que foram esquecidos ou desvalorizados pelo projeto moderno (David Tracy<sup>7</sup>).

*Saint Thomas D’aquin*, talvez o mais importante estudo introdutório sobre a filosofia de Santo Tomás em nosso século, no qual Gilson a sua franca preferência pelo pensamento de Tomás, tanto pela clássica distinção que este faz entre essência e existência, como pela sua colocação de uma filosofia autônoma. Algumas de suas obras publicadas são *A Filosofia Na Idade Média* (Martins Fontes, 2001), *O filósofo e a teologia* (Paulus, 2008), *O Espírito da filosofia medieval* (Martins Fontes, 2006) e *Introdução ao estudo de Santo Agostinho* (Paulus, 2007). (Nota da IHU On-Line)

5 Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve ser construído pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no sítio do IHU, ([www.unisinos.br/ihu/](http://www.unisinos.br/ihu/)), na editoria *Notícias do Dia*, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da IHU On-Line)

6 Robert Schreiter: teólogo norte-americano, padre dos Missionários do Preciosíssimo Sangue e doutor em Teologia da Universidade de Nijmegen, na Holanda. Leciona teologia na Universidade Católica de Chicago, nos Estados Unidos, e na Universidade de Nijmegen. Seus livros e artigos sobre reconciliação têm sido publicados em vários idiomas. É Conselheiro Geral dos Missionários do Preciosíssimo Sangue. É detentor da cátedra de “interculturalidade” instituída em homenagem a Schillebeeckx na Universidade de Nimega, pela publicação de seu livro *A nova catolicidade* (Loyola, 1998). (Nota da IHU On-Line)

7 David Tracy: licenciado e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, e professor de Teologia Contemporânea e Filosofia da Religião, na University of Chicago Divinity School, nos Estados Unidos. Entre seus livros publicados, citamos *The achievement of Bernard Lonergan* (1970), *Blessed rage for order: the new pluralism in Theology* (1975), *The analogical imagination: Christian Theology and the context of pluralism* (1981) (livro que está sendo traduzido e será, proximamente, publicado pela Editora Unisinos na coleção Theologia Publica), *Plurality and ambiguity:*

**IHU On-Line - Por que Rahner teve tanta importância nos debates do Concílio Vaticano II? Quais foram as circunstâncias que possibilitaram que ele tivesse essa relevância nos debates?**

**Rosino Gibellini** - O Concílio Vaticano II (1962-1965) – anunciado de surpresa por João XXIII há 50 anos, no dia 25 de janeiro de 1959 – propôs uma “atualização” da Igreja, para torná-la mais correspondente à sua missão pastoral. A teologia de Rahner estava em sintonia com esse programa. Justamente em 1959 – ano da proposta do Concílio –, Rahner publicou “Missão e Graça”, que inicia com um significativo ensaio intitulado “Significado teológico do cristão no mundo moderno” (de 1954), em que ilustra a passagem do regime da cristandade para uma situação na qual a igreja existe como minoria no interior das nações; e no qual sustenta que tal situação não deve ser suportada, e sim assumida como “imperativo histórico de salvação” e afrontada como uma renovação dos métodos da práxis eclesial. Nota-se, então, que a teologia de Rahner estava em sintonia com o grande projeto inovador do Concílio.

**IHU On-Line - Como Rahner se posicionava nas polarizações conceituais e políticas do Concílio? Frente a quais ideias e teólogos Rahner se posicionou contra ou a favor?**

**Rosino Gibellini** - Com o Concílio já anunciado, Rahner foi atingido por uma “censura preventiva” para excluí-lo completamente do evento. Mas acabou chegando a Roma como perito pessoal do cardeal König, de Viena,

*hermeneutics, religion and hope* (com tradução em francês, alemão, espanhol e chinês) (1987) e *Dialogue with the other* (traduzido para o chinês) (1990). No próximo mês de setembro, será publicado simultaneamente em inglês, francês e italiano o livro *The side of God*. Tracy esteve na Unisinos, convidado pelo IHU, para fazer a conferência *Entre o apocalíptico e o apofático*. O fazer teológico na universidade, hoje, a partir da pós-modernidade no Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, acontecido em maio de 2004. Ele concedeu entrevista à IHU On-Line nº 103, de 31 de maio de 2004. Confira o artigo “O Deus oculto: o resgate da apocalíptica” de David Tracy em: NEUTZLING, Inácio (Org.), *A teologia na universidade contemporânea* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005, p. 85-98). (Nota do IHU On-Line)

presidente da Conferência Episcopal Austríaca. Introduziu-se nas comissões com cautela. Escreverá na “Breve correspondência do período do Concílio” publicada em 1986: “Pode ser que Alfredo Ottaviani,<sup>8</sup> então prefeito do Santo Ofício, tenha notado que sou um teólogo completamente inofensivo e normal. E, dessa forma, aquele decreto romano (da censura preventiva) foi simplesmente esquecido”. Mas trabalhou com afinco, a ponto de tornar-se um dos teólogos mais célebres justamente durante o Concílio. Deve-se reconhecer, porém, que a verdadeira estrela do Concílio era Joseph Ratzinger, na época docente de teologia fundamental em Bonn e consultor oficial do cardeal Frings de Colônia, presidente da Conferência Episcopal Alemã. Escreveu Rahner (1962): “Com Ratzinger, me entendo bem. Ele é muito estimado por Frings”.

Rahner colocava-se na linha da renovação e nas polarizações se ocupava em lançar uma ponte entre tradicionalistas e progressistas. Suas maiores contribuições são em sede eclesiológica, mas também, e principalmente, sobre a doutrina católica da revelação e sobre uma compreensão mais profunda da vontade de salvação universal. Mas é no pós-Concílio que os caminhos se dividem. Para Rahner, o Concílio é o início de um caminho de reforma a dar continuidade para uma “transformação estrutural da Igreja”, como diz o título de um seu volume progra-

<sup>8</sup> Alfredo Ottaviani (1890-1979): cardeal católico italiano, considerado como o “policial da fé”, porque foi o mais rigoroso defensor da tradição em sua época. Em 1922, foi nomeado secretário pessoal do novo papa Pio XII. Em 1928, foi chamado para a Secretaria de Estado do Vaticano. Em 1953, Pio XII o nomeou pró-secretário da Congregação do Santo Ofício (atual Congregação para a Doutrina da Fé), sendo elevado a cardeal. Em 1962, escreveu o documento *Crimen sollicitationis*, dirigido a todos os bispos, em que eram instruídas as modalidades de gestão dos casos de pedofilia no interior da Igreja, incluindo a excomunhão. O documento foi aprovado pelo Papa João XXIII. Foi nomeado por João XXIII presidente da Comissão Doutrinal. Em 1968, pediu sua renúncia, escrevendo, no ano seguinte, junto ao cardeal Antonio Bacci, uma carta ao Papa Paulo VI, expressando sua oposição à reforma litúrgica e ao novo missal romano “Novus Ordo Missae”, prestes a entrar em vigor. Foi um severo opositor de algumas das reformas da Igreja católica, sendo considerado por muitos também como o “homem das excomuniões”. (Nota do IHU On-Line)

## “Rahner também deu sua contribuição à teologia das religiões com a sua tese dos ‘cristãos anônimos’, que lhe permitia ver as religiões não-cristãs como ‘vias legítimas de salvação’, na dependência de ‘todo o verdadeiro e o bom do cristianismo’”

mático de 1972. O teólogo Ratzinger estará longe desse programa e insistirá sempre num retorno aos textos do Concílio, dos quais somente resulta o espírito do evento Conciliar. Se Rahner ressalta a descontinuidade operada pelo Concílio, Ratzinger interpretará o Concílio no sentido da continuidade.

### IHU On-Line - Quais foram as contribuições de Rahner para o diálogo inter-religioso e o ecumenismo?

Rosino Gibellini - O maior ecumenista católico no Concílio era o teólogo francês Congar, mas a solução católica mais avançada para o problema ecumênico no pós-Concílio foi dada por Karl Rahner e por Heinrich Fries,<sup>9</sup> que assinaram o mediató e corajoso texto “União das Igrejas – Possibilidade real” (1984), que aparecia como nº 100 da célebre Biblioteca Herderiana “Quaestiones Disputatae”. Livro e projeto que o teólogo Ratzinger criticou.

Rahner também deu sua contribuição à teologia das religiões com a sua tese dos “cristãos anônimos”, que lhe permitia ver as religiões não-cristãs como “vias legítimas de salvação”, na dependência de “todo o verdadeiro e

<sup>9</sup> Henrich Fries (1911-1998): teólogo alemão, professor de teologia em Tübingen e Munique. Dentre suas obras publicadas, encontra-se a edição do *Dicionário de Teologia* (São Paulo: Loyola, 1973). (Nota do IHU On-Line)

o bom do cristianismo”, como a monografia completa de Doris Ziebritzki sobre o tema publicada na Coleção “Innsbrucker theologische Studien” reconstruiu.

A contribuição de Rahner deve ser agora criticamente integrada a uma grande bibliografia, católica e ecumênica, que se desenvolveu nas últimas duas, três décadas. Resumo a passagem desta forma: “Do cristianismo anônimo a um cristianismo relacional”.

### IHU On-Line - Frente aos atuais problemas de governo da Igreja, Rahner ainda oferece respostas? Como Ratzinger vê Rahner?

Rosino Gibellini - Rahner e Ratzinger são duas grandes figuras da teologia da época moderna. O teólogo jesuíta espanhol Santiago Madrigal dedicou uma recente monografia ao confronto entre os dois teólogos: duas grandes personalidades que colaboraram na realização do Concílio, mas que depois se diferenciaram na concreta aplicação deste, até entrar, sob certos aspectos, como teólogos, em contraste entre si, mas convergentes sobre a dificuldade do dever, assim expresso por Rahner: “Com certeza passará muito tempo até que a igreja, que recebeu de Deus a graça do Concílio Vaticano II, seja a igreja do Concílio Vaticano”.

### IHU On-Line - Como Rahner é visto hoje na teologia? Quais são seus principais discípulos nos debates teológicos atuais?

Rosino Gibellini - Rahner é o protagonista da virada antropológica na teologia católica, que mantém “o ouvinte da Palavra” sempre presente na proposição da verdade cristã, e se confronta, portanto, com a cultura moderna. Essa é uma das maiores linhas da teologia do século XX, que se diferencia (sem se contrapor) das teologias da identidade católica, representadas pelas figuras de Von Balthasar e Ratzinger.

Rahner fez escola e teve numerosos discípulos, dos quais o mais criativo, que, partindo de Rahner foi além de Rahner, é Johann Baptist Metz, em cujo pensamento a racionalidade crítica se concretiza com a racionalidade

prática, que desenvolve as implicações históricas e sociais do pensamento cristão.

### IHU On-Line - Passados 25 anos de sua morte, qual é a principal herança que Rahner deixou para a Igreja?

**Rosino Gibellini** - Vinte e cinco anos após sua morte (30 de março de 1984), está em fase de avançada realização a edição crítica da *Opera omnia* do grande teólogo, que representará um seguro ponto de referência para o futuro da teologia. Recordo de ter participado, com Gustavo Gutiérrez (que se encontrava naquele mês em Roma) dos solenes funerais do teólogo alemão em Innsbruck, onde havia se retirado nos últimos anos. Nos funerais também estavam presentes Metz, Lehmann,<sup>10</sup> Kasper<sup>11</sup> e Schillbeeckx. Aos participantes, foi distribuído o Boletim informativo dos Jesuítas da província da Alemanha meridional (datado em München, abril 1984/2), dedicado à figura de Rahner. Sempre o conservei e comentei várias vezes com os jovens teólogos a sua

<sup>10</sup> **Karl Lehmann**: Importante teólogo alemão, atualmente cardeal-arcebispo de Mainz e presidente da Conferência Episcopal da Alemanha, escreveu um artigo sobre Kant que a IHU On-Line traduziu e publicou na 93ª edição, de 22 de março de 2004. O Instituto Humanitas Unisinos também traduziu e publicou o artigo *O cristianismo - uma religião entre outras? Um subsídio para o diálogo inter-religioso - na perspectiva católica*, de autoria de Karl Lehmann. O artigo foi publicado no nº 1 de *Multitextos*, em outubro de 2003. (Nota da IHU On-Line)

<sup>11</sup> **Walter Kasper** (1933): cardeal alemão, presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. Filósofo formado em Tübingen e Múnico, obteve doutorado em teologia em 1961, em Tübingen. Foi assistente de Leo Scheffczyk e de Hans Küng. Foi professor na Universidade de Munique e na Universidade Eberhard-Karls, em Tübingen, assim como professor visitante da Universidade Católica da América, em Washington, nos Estados Unidos. Foi nomeado bispo da Diocese de Rottenburg-Stuttgart em 1989. Em 2001, foi elevado a cardeal, com o título de Cardeal-diácono da Basílica de Todos os Santos em Via Appia Nuova (Ognissanti in Via Appia Nuova). Teólogo profundo, Kasper escreveu vários livros. Em 1993 e 2001, publicou a terceira edição do léxico para a teologia e para a Igreja. Atualmente, é membro da Congregação para a Doutrina da Fé e ainda para o “Rito Oriental”, para a “Assinatura Apostólica”, do Pontifício Conselho para a interpretação dos textos legislativo e do Conselho para a cultura. Foi colega de Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI, em seu período de docência universitária. (Nota da IHU On-Line)

última entrevista ali reproduzida. O entrevistador perguntava: “Como se pode transmitir a fé à nova geração?”. Rahner respondia: “Antes de tudo deve-se *pregar bem* (grifo do texto). Para pregar bem, deve-se primeiro estudar bem teologia. Mas, para pregar bem, devem existir homens vivos, devotos, radicalmente cristãos, que possam pregar. Naturalmente também deve existir uma certa liberdade no exercício de uma atividade apostólica ou pastoral”. A teologia, portanto, é um instrumento do anúncio e da missão.

O teólogo evangélico Wolfhart Pannenberg<sup>12</sup> identificou bem o maior legado de Karl Rahner, vendo na teologia rahneriana uma das tentativas mais consistentes do nosso tempo de manter aberta a racionalidade reduzida da cultura secular ao mais vasto horizonte de uma racionalidade que reconhece também o mistério de Deus “enquanto ele nos ensinou a ver em cada tema teológico, aquilo que é universalmente humano”, introduzindo-se assim no vasto sulco da mais autêntica teologia cristã: “A aliança com a razão pertence desde o início a dinâmica missionária do Evangelho”.

#### LEIA MAIS...

>> Outras entrevistas de Rosino Gibellini podem ser conferidas no sítio do IHU.

#### Entrevistas:

- *Uma teologia que ajuda a entender o envolvimento de Deus na História do mundo*. Edição número 102, de 24-05-2004, intitulada *Deus e a humanidade: algo a ver? Karl Rahner 100 anos*. Acesse em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158261608.85word.doc>.
- *A controvérsia não é a última palavra*. Edição número 161, de 24-10-2005, intitulada *As obras coletivas e seus impactos no mundo do trabalho*, disponível em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158350187.39word.doc>.

<sup>12</sup> **Wolfhart Pannenberg** (1928): teólogo e filósofo, que recupera ferramentas e conceitos filosóficos essenciais em um contexto confessional luterano, alemão. Durante o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, realizado em maio de 2004, foi ministrada uma oficina que tratou do pensamento de Pannenberg. Sobre ele, foram publicados em 2005 os *Cadernos Teologia Pública* números 19 e 20, disponíveis para *download* em [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

ACESE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE  
WWW.UNISINOS.BR/IHU

## Rahner “comprometeu a comunicação da fé”

Para Milbank e Aeron Riches, as teorias de Rahner continuam atuais porque ele é mais conservador e ao mesmo tempo mais liberal que os teólogos da *nouvelle théologie*

POR MOISÉS SBARDELLOTTO, MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN | TRADUÇÃO WALTER O. SCHLUPP

“**N**o seio da Igreja, Rahner é responsável, por um lado, ao menos em parte, por aquilo de que os adeptos de Lefebvre são culpados, por outro: a percepção popular de que o Vaticano II foi uma ‘ruptura’ decisiva.” A opinião é defendida pelo teólogo anglicano e teórico inglês John Milbank e seu assistente, também teólogo, Aeron Riches.

Os pesquisadores reconhecem a influência de Rahner após o Concílio Vaticano II, seu esforço em estabelecer um diálogo com a modernidade e suas ideias favoráveis ao secularismo. Entretanto, argumentam que, “em nenhum momento”, o teólogo alemão “oferece alguma noção real de como a Igreja deveria entrar em ‘diálogo’ com a modernidade”. E reiteram: “Ele apresenta o que pode ser lido como uma resignação um tanto sectária e pessimista: o cristianismo passou, a cultura da modernidade ‘tem de ser’”.

Conhecido como um dos teólogos cristãos mais proeminentes e controversos do mundo, John Milbank é professor no Departamento de Teologia e Estudos Religiosos da Universidade de Nottingham, no Reino Unido. É autor de, entre outros, *Teologia e teoria social: Para além da razão secular* (São Paulo: Loyola, 1995), um estudo influente da relação entre a teologia cristã e a história da teoria social e política ocidental. Milbank também é autor de *The world made strange: Theology language and culture* (Blackwell, 1997), e coautor de *Theological perspectives on God and beauty* (Trinity Press International, 2003), escrito com Edith Wyschogrod e Graham Ward, e de *Le milieu suspendu. Henri de Lubac et le débat sur le surnaturel* (Paris: Cerf, 2006).

Aeron Riches é teólogo e assistente de Milbank em Nottingham, na Virginia. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Após 25 anos de sua morte, qual a importância do pensamento de Rahner na atual conjuntura da Igreja?**

**John Milbank e Aeron Riches -** Mesmo que sua influência tenha diminuído na última década e meia, Rahner continua exercendo a maior influência sobre a mentalidade popular do pensamento católico pós-conciliar. Sua influência continua muito mais forte que a de [Hans Urs von] Balthasar, por exemplo, embora isto esteja mudando rapidamente entre teólogos mais jovens.

Nos anos subsequentes ao Concílio, Rahner gozou de um *status* quase hegemônico entre teólogos católicos, tanto nos currículos das faculdades de teologia quanto na formação teológica de padres. Seria concebível fazer uma graduação em Teologia Sistemática católica sem ler outro autor que não fosse Rahner. Em nossos dias, seria difícil imaginar algum teólogo na posi-

ção outrora ocupada por ele. Esse continua em lugar privilegiado em grande número de seminários e faculdades teológicas. E, com certeza, não ocupa o segundo plano. Por quê?

A razão, sem dúvida, está em que ele é mais conservador e ao mesmo tempo mais liberal que os teólogos da *nouvelle théologie*. Isto abrange três aspectos:

1. Seu pensamento sempre foi mais conscientemente congenial com a neoescolástica.

2. Sua posição sobre a “a natureza pura” como “conceito residual” sempre pôde ser essencialmente interpretada em termos das doutrinas de Caetano<sup>1</sup> e

1 Tommaso de Vio (ou Tomás de Vio Caetano) (1469-1534): frade e cardeal dominicano, exegeta, filósofo, teólogo e cardeal italiano, nascido na Cidade de Gaeta. Entrou para a Ordem dos Pregadores em 1484. Tornou-se Mestre em Filosofia e Doutor em Teologia. Lecionou para os dominicanos em Pádua, Brescia e Pavia. A partir de 1500, tornou-se Procurador da Ordem em Roma e também Professor de Filosofia e Exegese na Sapienza. Em 1507 tornou-se Vigário da Ordem, vindo a ser Geral

Pio XII<sup>2</sup> (os quais ocupam uma posição intermediária entre Lubac e a neoescolástica plena de Garrigou-Lagrange<sup>3</sup>).

em 1508. No Concílio Laterano em 1512-17 defendeu a infalibilidade dos Papas e sua Soberania e também fez uma primeira proposta de Reforma. Leão X nomeou-o, em 1517, cardeal e, em 1518, Arcebispo de Palermo. Em 1519, foi denominado por Carlos V pertencente ao Bispado de Gaeta. Notável teólogo, refutou e encontrou-se com Martinho Lutero, em torno de 1518, tentando que este renunciasse ao cisma. Votou favoravelmente pela validade do casamento de Henrique VIII com Catarina de Aragão. Escreveu comentários à Summa Teológica de Tomás de Aquino, que o Papa Leão XIII ordenou que fossem somados à edição original para estudo e formação dos clérigos. (Nota da IHU On-Line)

2 Papa Pio XII (1876-1958): nascido Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli, foi eleito Papa em 2 de março de 1939 até a data da sua morte. Foi o primeiro Papa romano desde 1724. (Nota da IHU On-Line)

3 Reginald Garrigou-Lagrange (1877-1964): frade dominicano e teólogo católico considerado um dos maiores tomistas do século XX. Fez seus estudos teológicos sob a orientação do Padre Ambroise Gardeil, um dos mais insígnis teólogos da época, célebre pelo ensaio “Le donné révéle et la théologie”, além de ser

3. O aspecto liberal de Rahner tem a ver com seu kantianismo modificado. Como agora podemos ver mais completamente, o próprio Kant<sup>4</sup> encontra-se na trajetória do pensamento neoescolástico via Scotus, Ockham,<sup>5</sup> Suarez<sup>6</sup>

aluno de Henri Bergson e Victor Brochard. Em 1955, foi nomeado consultor do Santo Ofício (atual Congregação para a Doutrina da Fé). Lecionou na Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino (Angelicum), em Roma, tendo sido professor de muitos notáveis intelectuais católicos deste do século XX, entre eles do dominicano Marie-Dominique Chenu, e de Karol Wojtyła, futuro João Paulo II, de quem foi consultor e supervisor de tese. (Nota da IHU On-Line)

4 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, disponível em <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1161093369.8pdf.pdf>, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*. Os Cadernos IHU em formação estão disponíveis para download na página <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1158328261.83pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

5 William de Ockham (1285-1350): filósofo lógico, teólogo escolástico inglês, frade franciscano e criador da teoria conhecida como Navalha de Ockham (em inglês, Ockham's Razor), que dizia que as “pluralidades não devem ser postas sem necessidade”. Considerado um dos fundadores do nominalismo, teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas, e portanto produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. Por causa de suas ideias foi excomungado pela Igreja. O conceito, bastante revolucionário para a época, defende a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. Ockham foi discípulo do filósofo Duns Scotus e precursor do empirismo inglês, do cartesianismo, do criticismo kantiano e da ciência moderna. (Nota da IHU On-Line)

6 Francisco Suarez (1548-1619): teólogo jesuíta espanhol nascido em Granada. Estudou latim, direito, filosofia e teologia em Salamanca. É um dos fundadores do direito internacional e criador da doutrina do suarismo. A partir de 1570, trabalhou como instrutor de teologia em vários centros dos jesuítas, na Espanha e em Roma, até se estabelecer como professor de teologia na Universidade de Coimbra (1597), Portugal, pertencente então à coroa espanhola, por indicação do rei Filipe II. Ali firmou sua conduta erudita e tornou-se o principal representante da nova escolástica do século XVI. Sua obra mais influente foi “Disputationes Metaphysicae” (1597), um amplo tratado que articulava todo o saber metafísico, concebido como teologia natural. Escreveu várias obras

and Wolff<sup>7</sup> (vide o trabalho de Muralt,<sup>8</sup> Honnefelder,<sup>9</sup> Courtine etc.).

Assim sendo, o paradoxo crucial a ser entendido é que, em comparação com Rahner, os teólogos da *nouvelle théologie* rejeitam mais radicalmente a neoescolástica “conservadora”, ao mesmo tempo em que são mais tradicionalistas do que ele.

**IHU On-Line - Quais desafios e possibilidades Rahner percebeu como urgentes para o cristianismo do século XXI?**

**John Milbank e Aeron Riches** - Numa entrevista dos anos 80, ele disse que pelo ano 2000 a Igreja não poderá continuar sendo apenas “europeia”; que ela exige “inculturação” multiforme, uma implementação de *ecclesia semper reformanda* e a descentralização da autoridade eclesial; naturalmente não o desmantelamento da autoridade papal, mas um aumento da autoridade dos bispos locais e uma atenção para as

por encomenda do papa Paulo V e de outras autoridades religiosas, como *De legibus* (1612) e *Defensio fidei catholicae* (1613), destinadas a elaborar uma teoria jurídica e política baseada nos princípios católicos. Negou o direito divino dos reis e pregou o direito do povo derrubar qualquer monarca que atuasse contra o interesse social. Também criticou muitas das práticas da colonização espanhola nas Índias. Lecionou filosofia em Segóvia e teologia em Valladolid. (Nota da IHU On-Line)

7 Cristiano Wolff (1679-1754): filósofo prussiano, nasceu em Breslau e foi professor em Halle (1706-1723), na Alemanha, até ser expulso por Frederico Guilherme I, sendo reposto em 1740 por Frederico II. em 1679. Dedicou-se aos problemas morais e religiosos, estudando também matemática. Formou-se em filosofia em Leipzig em 1703. Entrou, desde logo, em relações com Gottfried Leibniz, graças ao qual teve em 1707 uma cátedra de matemática e filosofia na Universidade de Halle. O seu ensino claro e metódico, racionalista, sistemático, teve um êxito imenso. No entanto, em 1723, foi demitido sob acusação de ateísmo em religião e determinismo em moral. A primeira acusação tem um fundamento na afirmação de Wolff de que a moral estaria de pé igualmente, mesmo prescindindo da existência de Deus. A segunda explica-se pela sua adesão ao determinismo racionalista de Leibniz, em que a liberdade de Deus e do homem vêm fornecer, porquanto ambos atuam necessariamente, do modo melhor. Wolff retirou-se então para a Universidade de Marburgo, voltando, em seguida, para a Universidade de Halle, aí ensinando até à morte (1754). (Nota da IHU On-Line)

8 Jean de Muralt: advogado suíço. (Nota da IHU On-Line)

9 Ludger Honnefelder (1936): filósofo alemão. (Nota da IHU On-Line)

necessidades das diferentes culturas.

**IHU On-Line - Qual foi a influência e as maiores contribuições de Rahner para o Concílio Vaticano II e para o diálogo entre a Modernidade e a Teologia?**

**John Milbank e Aeron Riches** - No seio da Igreja, Rahner é responsável, por um lado, ao menos em parte, por aquilo de que os adeptos de Lefebvre são culpados, por outro: a percepção popular de que o Vaticano II foi uma “ruptura” decisiva. Rahner ficava feliz ao falar do fim da ordem “piana”. A nova Igreja pós-piana não exibiria o mesmo antiofendernismo da velha Igreja. Mas toda essa noção de Igreja pré e pós-Vaticano II é um tanto problemática, porque o Vaticano II significava várias coisas diferentes e inteiramente contraditórias: uma nova adoção (de certa forma adoção excessiva) da modernidade democrática liberal política; um retorno para os padres da Igreja e para um Tomás de Aquino<sup>10</sup> mais autêntico; uma reelaboração liberal de certas ênfases neoescolásticas; um apelo para uma cultura teológica mais poética; uma instrumentalização excessiva das formas litúrgicas. Mas enquanto o “rahnerianismo vulgar”, que floresceu após o Concílio, se instalou no sentido de acomodação com a modernidade, Rahner não tinha uma visão totalmente positiva da mesma.

Na verdade, em termos de “diálogo” com a modernidade – caso “modernidade” queira dizer secularismo –, Rahner, mesmo ao assimilar premissas filosóficas modernistas em seu pensamento, em nenhum momento, que saibamos, oferece alguma noção real de *como* a Igreja deveria entrar em “diálogo” com

10 Tomás de Aquino (1227-1274): frade dominicano e teólogo italiano, considerado santo pela Igreja. Um de seus maiores méritos foi introduzir o aristotelismo na escolástica anterior. A partir de São Tomás, a Igreja tem uma teologia (fundada na revelação) e uma filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão. Nascido numa família nobre, estudou filosofia em Nápoles e depois foi para Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas. Seus interesses não se restringiam à religião e filosofia, mas também à alquimia, tendo publicado uma importante obra alquímica chamada *Aurora Consurgens*. Sua obra mais famosa e importante é a *Suma Teológica*. (Nota da IHU On-Line)

a modernidade. Em seu ensaio de 1954, *“Theological position of christians in the modern world”* (*Posição teológica dos cristãos no mundo moderno*), ele apresenta o que pode ser lido como uma resignação um tanto sectária e pessimista: o cristianismo passou, a cultura da modernidade “tem de ser”. Ali não consta o menor indício de a cultura cristã reagir ou a Igreja recuperar seu verve contracultural.

Nada disso realmente apresenta sintonia com o novo tempo do século XXI, onde o triunfo do secular não parece mais tão automático, e novamente somos ameaçados por modalidades autoritárias e fundamentalistas de religião. Ao mesmo tempo, também somos ameaçados por uma crítica ateísta muito mais militante, a qual, no Reino Unido, agora chega às raias de sugerir que a religião deveria ser proibida. Ninguém, nem mesmo Rahner, poderia ter antecipado isto.

**IHU On-Line - O senhor considera que as ideias de Rahner foram assimiladas pela teologia em geral? Quais de suas ideias ainda estão presentes na Igreja em seu diálogo com a Modernidade?**

**John Milbank e Aeron Riches** - A ideia da “inculturação” tem enorme aceitação em universidades católicas nos EUA. Isto se liga às ideias do sobrenatural existencial e de “cristãos anônimos”. Ratzinger, numa crítica à “inculturação” de Rahner (a qual presume uma humanidade genérica, uma cultura sem religião), argumenta, corretamente em nosso entender, que somente pode existir interculturação, uma vez que a própria Igreja é uma cultura, e nenhuma cultura na qual ela seja introduzida é neutra. Isto tende a distanciar-se da dúvida ideia de que “cultura” é apenas um meio exterior, noção esta demasiadamente “protestante” e que tem tido efeito negativo sobre a liturgia.

**IHU On-Line - Como o senhor analisa as teologias de Rahner e Ratzinger? Em quais áreas eles convergem e discordaram entre si? O que ocorreu com Rahner após o Concílio?**

**John Milbank e Aeron Riches** - Em suas memórias, Ratzinger diz que ele e Rah-

**“Principalmente em seus últimos anos, Rahner teve profunda simpatia com a causa dos pobres e viu corretamente que a missão de caridade da Igreja exigia uma defesa ativa da justiça em favor dos seus membros mais pobres”**

ner vivem “em dois planetas teológicos diferentes”, mesmo quando, por algum tempo, defenderam as mesmas coisas, “mas por razões totalmente diferentes”. Ratzinger descreve Rahner como demasiadamente “condicionado pelo escolasticismo de Suarez” e influenciado pelo “idealismo alemão de Heidegger”.

No Concílio, Ratzinger e Rahner trabalharam num esboço-proposta sobre a revelação; isto parece ter sido a “base comum” dos dois por algum tempo. Ambos estavam preocupados em desfazer o “positivismo” da neoescolástica; pretendiam fazê-lo mediante a nova abordagem da conexão entre revelação e avanço da “história”. Aparentemente Ratzinger estava interessado, entre outras coisas, em recuperar uma noção de “desenvolvimento” segundo a formulação de John Henry Newman<sup>11</sup> (dando continuidade a *Irineu de Lyon*<sup>12</sup>, Vicente de Lerino,<sup>13</sup>

11 John Henry Newman (1801-1890): bispo anglicano inglês, convertido ao catolicismo, foi posteriormente nomeado cardeal pelo Papa Leão XIII, em 1879. Estudou no Trinity College de Oxford e no Oriel College. Depois de sua conversão ao catolicismo, abriu e dirigiu em Birmingham um oratório de São Felipe Néri e foi reitor da Universidade Católica da Irlanda, em 1854. (Nota da IHU On-Line)

12 Santo Irineu de Lion: nasceu por volta do ano 130/135, provavelmente em Esmirna, na Ásia Menor. Era chamado Zelador do Testamento de Cristo, tendo vivido na época dilacerada por heresias que colocavam em risco a unidade da Igreja na fé. Governou a Igreja de Lião até a morte, em 200. (Nota da IHU On-Line)

13 São Vicente de Lérins (ou Lerino) (?-445): monge e teólogo francês. Escreveu o livro

Tomás de Aquino e Bonaventura),<sup>14</sup> onde a evolução da doutrina apresenta continuidade lógica tanto quanto histórica com a origem apostólica. Rahner parece ter chegado a isto desde um ângulo diferente. Ele tende a basear-se num modelo evolucionário transcendentalista, que confere um papel muito menor ao “logos” como veiculador da continuidade e do desenvolvimento. Em vez disso, no esquema evolucionário proposto por Rahner, um *vitalismo* subjetivista sob *impacto do ambiente* tende a substituir a prática reflexiva da exegese e da mistagogia como veiculador lógico/racional da continuidade e do desenvolvimento. No esquema evolucionário, o “logos” é suprimido em favor de um “transcendentalismo” subjetivo (vitalista e ambientalista/existencial), o qual, em última análise, reduz a “revelação” à “história espiritual da humanidade”. Desta forma, Rahner não só deixa de superar a dicotomia sujeito-objeto, mas permanece totalmente “fideísta” em sua teologia da revelação, porque o teor efetivo desta última somente ainda preenche um lugar “objetivo” e “ilustrativo”. Tudo que é subjetivo e espiritual é colocado no bojo de uma história natural, a qual em si está su-

*Commonitorium*, no qual deixou para a humanidade o ensinamento sobre como praticar as lições do Evangelho de Jesus Cristo. O livro foi tão famoso em sua época, que era conhecido como “um livro todo de ouro”. Em um momento em que a Igreja promovia um profundo combate às heresias, optou por refugiar-se no mosteiro que São Honorato construíra na ilha de Lérins, no Mar Mediterrâneo, dedicando o resto de seus dias à oração e à meditação. Eleito abade, o Mosteiro de Lérins tornou-se um lugar de forte formação para santos e bispos da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

14 Bonaventura Cavalieri (1598-1647): sacerdote jesuíta e matemático italiano, discípulo de Galileu. Estudou astronomia, trigonometria esférica e cálculo logarítmico. É considerado um dos precursores do cálculo integral. Em 1629, foi indicado à cadeira de professor em Bolonha, ocupando a função até sua morte em 1647. Cavalieri publicou, em 1632, o livro *Directorium Universale Uranometricum (Directorio Universal de Uranometria)*, sobre a medição de distâncias celestes. Em 1635, publicou sua obra mais conhecida, *Geometria indivisibilibus continuorum nova (Nova Geometria dos Indivisíveis Contínuos)*, em que desenvolveu a ideia de Kepler sobre quantidades infinitamente pequenas. Correspondeu-se centenas de vezes com muitos matemáticos da época como Galileu, Mersenne, Renieri, Rocca, Torricelli e Viviani. Seu mais famoso discípulo foi Stefano degli Angeli. (Nota da IHU On-Line)

bordinada a um embasamento transcendental.

Ratzinger, em contraste, pode ser considerado muito mais “radical” e mais autenticamente pós-moderno, na medida em que, baseando-se na visão paleocristã dos Padres da Igreja, ele passa a formular uma teologia da história que supera a dicotomia sujeito-objeto mediante a integração de fé e razão, revelação e lógica reflexiva. Seu antikantianismo (que ele compartilha com Lubac e Balthasar)<sup>15</sup> agora está muito mais sintonizado com o estado de espírito da filosofia secular (Badiou,<sup>16</sup> Meillassoux<sup>17</sup>, Rorty).<sup>18</sup>

### IHU On-Line - Qual foi a influência de Rahner para a Teologia da Libertação e outros pontos de vista progressistas na Igreja?

#### John Milbank e Aeron Riches - Uma

15 Hans Urs Von Balthasar (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde doutorou-se em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia e Literatura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patrístico e contemporâneo. Entre suas obras, destacam-se *O cristianismo e a angústia* (1951), *O mistério das origens* (1957), *O problema de Deus no homem atual* (1958) e *Teologia da história* (1959). A edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, Jorge Luis Borges. *A virtude da ironia na sala de espera do mistério* publicou uma entrevista com Ignácio J. Navarro, intitulada *Borges e Von Balthasar. Uma leitura teológica*. (Nota da IHU On-Line)

16 Alain Badiou (1937): filósofo, dramaturgo e romancista, leciona filosofia na Universidade de Paris-VII Vincennes e no Collège International de Philosophie. É autor, entre muitos outros, do livro *Saint Paul. La fondation de l'universalisme* (Paris: PUF, 1997), várias vezes reeditado na França e traduzido em diferentes línguas como o inglês e o italiano. (Nota da IHU On-Line)

17 Quentin Meillassoux (1967): filósofo francês. Filho do antropólogo Claude Meillassoux e ex-aluno do filósofo Alain Badiou, leciona na École Normale Supérieure. Seu primeiro livro foi *Après la finitude* (2006), em que critica a obra de Kant, rejeitando especialmente a presença da “revolução copernicana” de Kant na filosofia. (Nota da IHU On-Line)

18 Richard Rorty: filósofo pragmatista estadunidense. Esteve em pé de guerra com a filosofia toda a sua vida. Defendia-se contra a pretensão de absoluto do pensamento analítico e renunciou durante décadas, a modo de protesto contra as correntes tradicionais do seu âmbito, a dirigir uma cátedra de filosofia (apenas aceitou até 1982 um lugar na Universidade de Princeton). Sua principal obra é *Filosofia e o espelho da natureza* (Princeton: Princeton University Press, 1979). (Nota da IHU On-Line)

das últimas coisas que Rahner fez antes de morrer foi enviar uma carta aos bispos do Peru em 1983 apoiando Gustavo Gutierrez<sup>19</sup> e sua versão da teologia da libertação. Principalmente em seus últimos anos, Rahner teve profunda simpatia com a causa dos pobres e viu corretamente que a missão de caridade da Igreja exigia uma defesa ativa da justiça em favor dos seus membros mais pobres. Pensamos que seria justo dizer que ele tinha a motivação correta, genuína, no sentido de ver que a Igreja tinha uma responsabilidade em contribuir para a obra da justiça, obra esta que ela evidentemente deixara de realizar em muitos lugares.

Mas Rahner foi demasiadamente condescendente em relação à embasante prática de absorver Marx<sup>20</sup> como Tomás de Aquino tinha absorvido Aristóteles.<sup>21</sup> Faltou-lhe discernimento crítico quanto à falsa “causa comum” de católicos e “marxistas-leninistas”. Ele deveria ter considerado modelos socialistas cristãos tradicionais mais antigos. Hoje em dia, estes estão sendo reavivados, superando-se o dualis-

19 Gustavo Gutiérrez Merino (1928): teólogo peruano e sacerdote dominicano, considerado por muitos como o fundador da Teologia da Libertação. (Nota da IHU On-Line)

20 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Idéias*, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1158330314.12pdf.pdf>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise*. Uma leitura a partir de Marx, disponível para *download* em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1224527244.6963pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

21 Aristóteles de Estagira (384 a.C. - 322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas — por um lado, originais, e, por outro, reformuladoras da tradição grega — acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se em vários campos ético, político, físico, metafísico, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

mo entre uma teologia da libertação “bíblica” e uma “doutrina social católica” baseada na lei natural. Ao invés, vemos que a tradição bíblica tem muito em comum com o pensamento grego (platônico, aristotélico, estoico) sobre política e sociedade, ao mesmo tempo em que o modifica decisivamente, especialmente em termos de nova noção do ser-pessoa e sobre o valor absoluto de todas as pessoas. Está surgindo uma nova política da virtude, cristã e comunitária, que rejeita tanto o estatismo quanto o mercado capitalista, insistindo que a subsidiariedade somente pode ser sustentada sob o “santuário” protetor proporcionado pela *ecclesia* em seu distanciamento apofático da lei coercitiva e da troca mercantil caracterizada pelo mero interesse próprio. As ideias de Saul Alinsky<sup>22</sup>, Ivan Illich<sup>23</sup> e outros estão sendo amalgamadas com as percepções de Gutierrez.

### IHU On-Line - Em sua opinião, a teologia de Rahner é muito otimista com relação à Modernidade? Por quê?

John Milbank e Aeron Riches - Parte do problema, aqui, é a tendência “antioquena” de Rahner em enfatizar uma “cristologia a partir de baixo”, contra o monofisitismo prevalente na prática do catolicismo pré-conciliar, conforme a sua percepção. Na verdade, agora se pode ver claramente que justamente o contrário sempre foi o caso: a cristologia da neoescolástica é nestoriana, ou seja, não é “alexandrina” o suficiente. A “guinada para o sujeito transcendental” por parte de Rahner perpetua

22 Saul David Alinsky (1909-1972): ativista social e escritor norte-americano, considerado como o fundador das organizações comunitárias modernas dos Estados Unidos. Marxista, sua prática política consistia em organizar comunidades para agir pelo autointeresse comum e conquistar poder público. Dois de seus mais notáveis discípulos contemporâneos são Hillary Clinton e Barack Obama. (Nota da IHU On-Line)

23 Ivan Illich (1926-2002): pensador autor de uma série de críticas às instituições da cultura moderna, escreveu sobre educação, medicina, trabalho, energia, ecologia e gênero. Sobre ele, leia a revista IHU On-Line número 46, de 09-12-2002, intitulada *Ivan Illich, pensador radical e inovador*, disponível para *download* no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1161290142.3pdf.pdf>. (Nota IHU On-Line)

os dualismos modernistas da neoescolástica.

Onde Lubac e agora a ortodoxia radical querem uma antropologia centrada cristologicamente, focalizando o “homem celestial”, Rahner parece querer uma cristologia centrada antropologicamente, focalizando o “homem terreno”. Assim sendo, a ênfase do desejo pelo “existencial sobrenatural” está sobre uma apreensão progressiva da “forma” em relação à atividade da criatura *voltar-se para fora*, contrastando com o Deus-Homem “descendo de cima”. Ao passo que Rahner privilegia o “existencial sobrenatural” como a melhor maneira de conceber a relação da pessoa humana com Deus, a ortodoxia radical prefere privilegiar o “paradoxo” do homem celestial, com base na *communicatio idiomatum* enfatizada por Tomás de Aquino, Bérulle<sup>24</sup> e Louis Chardon<sup>25</sup>. Nesta última visão, há pouco espaço para o assim chamado “cristianismo anônimo”, uma vez que ética, cultura, política e doxologia cristãs só existem onde houver uma missão eclesial claramente formada segundo o padrão do homem celestial. Ao mesmo tempo, entretanto, a comunicação de idiomas e o desejo natural pelo sobrenatural significa que em toda a história e cultura humana existe um apontar tipológico para Cristo, que sempre ilumina a Cristo de formas novas e singulares. Neste sentido, perspectivas de interculturalização de Ratzinger e da ortodoxia radical dão mais oportunidade para um aprendizado substantivo de diferentes culturas pela teologia. Isto porque este último sempre subordina o local e o particular a normas humanas puramente naturais supostamente apriorísticas.

**IHU On-Line - Como o senhor analisa a importância da ideia de Rahner do “cristão anônimo” para o diálogo inter-religioso e o ecumenismo?**

**John Milbank e Aeron Riches - A ideia**

24 Pierre de Bérulle (1575-1629): cardeal e teólogo francês. (Nota da IHU On-Line)

25 Louis Chardon (1595-1651): frei dominicano e místico francês. Acreditava no sofrimento como parte intrínseca da vida espiritual, pois nos capacitaria a colocar toda a nossa confiança em Deus. Foi influenciado, em parte, pelo místico espanhol João da Cruz, do século XVI. (Nota IHU On-Line)

## “Rahner tendia a mesclar transcendentalismo com fideísmo e, em consequência, comprometeu a comunicação da fé”

é ou demasiadamente inócua para ser associada com a proclamação cristã do evangelho, ou ela é tão paternalista a ponto de ser ofensiva, impossibilitando a comunicação de “amor” ao genuinamente outro; provavelmente ambas as coisas. Para uma alternativa positiva, vide nossa resposta à última pergunta.

**IHU On-Line - Frente aos recentes desafios da Igreja em seu diálogo com a cultura atual, é possível afirmar que a Igreja se tornou mais imanente e menos transcendente depois do Concílio, diante das ideias de Rahner?**

**John Milbank e Aeron Riches - Sim,** Rahner era relativamente indiferente em questões de arte, música e liturgia. Agora existe a necessidade de voltar para as perspectivas de gente como Odo Casel<sup>26</sup> e Romano Guardini,<sup>27</sup> reforçadas pelo trabalho de Catherine

26 Odo Casel (1886-1948): monge e sacerdote beneditino alemão do mosteiro de Maria Laach, na Renânia alemã, principal expoente da reforma e renovação litúrgica. Grande liturgista, definia a Liturgia como sendo o Mistério do culto de Cristo e da Igreja. Formou-se em filosofia em 1919, em Bonn, e em teologia, em Roma. (Nota da IHU On-Line)

27 Romano Guardini (1885-1968): teólogo, filósofo, pedagogo e literato italiano. Lecionou na Universidade de Bonn e na Universidade de Berlim, onde permaneceu até a década de 1930, quando o Terceiro Reich impediu suas atividades docentes. Em 1945, reassumiu na Universidade de Tübingen, passando, pouco depois, à de Munique. Escreveu muitas obras, entre elas, *De La mélancolie*, traduzida por Jeanne Ancelet-Hustache (Paris: Points, 1953), e *La fin des temps modernes* (Paris: Seuil, 1952). (Nota da IHU On-Line)

Pickstock<sup>28</sup>, J.-L. Chrétien<sup>29</sup> e vários outros. Preocupações obsessivamente mundanas também traem este mundo e na verdade não permitem qualquer crítica sócio-política genuína. A teologia mais recente tem-se ocupado mais com a fenomenologia e a ontologia do transcendente. Mas talvez a ortodoxia radical se destaque por suas tentativas de aliar essas preocupações a questões políticas.

**IHU On-Line - Para Rahner, qual é a ligação entre comunicação da fé, experiência de Deus e teologia?**

**John Milbank e Aeron Riches - Rahner** tendia a mesclar transcendentalismo com fideísmo e, em consequência, comprometeu a comunicação da fé: ou a fé já existia anonimamente, ou ela era mero dado positivo, uma espécie de “selo” específico em cima de algo abstratamente universal. Faltava-lhe uma percepção plenamente cristã do “concretamente universal”: a ideia de que o revelado é o “humano em si”, que somente pode ser específico. Também a ideia de que o “humano em si” somente pode ser nos restaurado por um homem que não foi pessoa humana, mas divina, trazida para este mundo por Maria, a pessoa humana perfeita, cuja humanidade perfeita somente lhe foi conferida por seu destino como portadora do *Logos*. Daí a concepção de que a humanidade é consumada e restaurada pelo Deus-Homem, é equilibrada pela noção de que este somente é possível mediante perfeita relação humana de amor entre o Deus-Homem e sua mãe, o que vem a ser a Igreja na (sua) fonte. A reencarnação é inseparável da sua continuação eucarís-

28 Catherine Pickstock: filósofa e teóloga, leciona no Emmanuel College, da Universidade de Cambridge. É considerada uma das principais pensadoras do movimento da Ortodoxia Radical, colaborando no desenvolvimento da teologia construtivista anglocatólica. É crítica da filosofia pós-moderna, reconsiderando a tradição platônica na interação com as questões de fé da Bíblia, particularmente a questão da teurgia e da compreensão da alma. Atualmente, está escrevendo o livro *Theory, Religion and Idiom in Platonic Philosophy*. (Nota da IHU On-Line)

29 Jean-Louis Chrétien (1952): filósofo e poeta francês nascido em Paris. Foi militante da Juventude Comunista Revolucionária, antes de romper com a política para se converter ao cristianismo. Ensina história da filosofia na Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV). (Nota da IHU On-Line)

“É preciso concluir que a perda de conexão entre razão e fé assim como a perda de sua participação na razão divina aconteceu por causa de uma construção demasiadamente racionalista da razão, a qual de certa forma vinha sendo gestada no cristianismo muito antes do desvio nominalista”

tica na Igreja, o que a “faz” a Igreja. Por meio deste mistério somos apresentados à oculta vida relacional da trindade, a vida da eternidade. A revelação somente é mostrada por meio de uma prática mistagógica que nos inicia na vida oculta de Deus. Mas Rahner, como Barth,<sup>30</sup> tendia demais a identificar a revelação com a autorevelação de Deus vista como a exibição adequada de Deus dentro da imanência temporal.

Da nossa parte, assim como a ortodoxia a radical de um modo geral, preferimos o rompimento da *nouvelle théologie* com a neoescolástica em ambas as suas formas, a conservadora e a liberal. Isto levanta muitas perguntas sobre como poderemos reelaborar a tradição cristã clássica ante a experiência moderna. Mas, acima de tudo, é preciso concluir que a perda de conexão entre razão e fé assim como a perda de sua participação na razão divina aconteceu por causa de uma construção demasiadamente racionalista da razão, a qual de certa forma vinha sendo gestada no cristianismo muito antes do desvio nominalista. Não é por acaso que os primeiros a resgatarem um cristianismo autêntico muitas vezes foram escritores ou artistas, por exemplo Péguy,<sup>31</sup>

Claudel<sup>32</sup> e George Macdonald.<sup>33</sup> Eles já viam que uma razão autêntica que participa do mistério divino é inseparável da paixão direcionada pela verdade, no sentido do belo, do exercício de poder criativo, de um sentimento e cuidado pela natureza. Isto também precisa ser aplicado à razão prática assim como à esfera política.

#### LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Milbank à IHU On-Line.

Entrevistas:

\* *A Teologia da Libertação e a história do pensamento socialista cristão*. Edição 214, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da Libertação*. Acesse no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23);

\* *A teologia e a teoria social. Para além da razão pós-moderna*. Edição número 102, de 24-05-2004, intitulada *Deus e a humanidade: algo a ver? Karl Rahner 100 anos*. Disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158261608.85word.doc>.

<sup>32</sup> Paul Claudel (1864-1955): poeta e diplomata. Um dos maiores expoentes da literatura de sua geração. Foi embaixador da França no Brasil. (Nota da IHU On-Line).

<sup>33</sup> George MacDonald (1824-1905): escritor, poeta e ministro cristão escocês. Embora esquecido pelos leitores atuais, suas obras (especialmente seus contos-de-fadas e romances de fantasia) foram uma inspiração para muitos autores notáveis, como W. H. Auden, J. R. R. Tolkien, Madeleine L'Engle, C. S. Lewis, G. K. Chesterton e Mark Twain. Graduou-se na Universidade de Aberdeen e lecionou na Universidade de Londres. Em 1850, foi nomeado pastor da Trinity Congregational Church (Igreja Congregacional da Trindade), em Arundel, Inglaterra. Seus livros mais conhecidos são os romances de fantasia: *Phantastes* (publicado em 1858), *The Princess and the Goblin* (1872) (*A princesa e o duende*), *At the Back of the North Wind* (Por trás do vento norte) (1871) e *Lilith* (1895); bem como os contos-de-fadas *The Light Princess* (1864) (*A princesa da luz*) e *The Golden Key* (1867) (*A chave dourada*). (Nota da IHU On-Line)

<sup>30</sup> Karl Barth (1886-1968): de 1911 a 1921 foi pastor calvinista. Mais tarde foi professor de Teologia em Bonn, na Alemanha. (Nota do IHU On-Line)

<sup>31</sup> Charles Péguy (1873-1914): poeta, dramaturgo e ensaísta francês, considerado um dos principais escritores católicos modernos. Foi o fundador da revista *Cahiers de La Quinzaine* (1900-1914), na qual colaboraram muitos dos principais escritores da época. Grande defensor da causa da justiça social, foi um firme defensor do oficial francês Alfred Dreyfus. Morreu na Batalha de Marne, durante a I Guerra Mundial. (Nota da IHU On-Line)

Religiões do Mundo | De 10-08-2009 a 08-10-2009

INFORMAÇÕES EM WWW.UNISINOS.BR/IHU

## “Cristianismo e Igreja adquiriram feições muito plurais, mas encolhem rapidamente em vários continentes”

Para o teólogo Érico João Hammes, tudo que se possa atribuir a Rahner no Concílio Vaticano II só foi possível porque “havia uma clima geral de repensamento da Igreja e do Cristianismo”

POR MOISÉS SBARDELOTTO, MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

**E**m entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, o teólogo Érico João Hammes aponta vantagens e limites da participação de Karl Rahner no Concílio do Vaticano II. O que não se perdoa nele, assinala o pesquisador, “é seu modo honesto de lidar com o ser humano concreto e seu modo de situar a reflexão da fé como responsabilidade humana frente ao Mistério Divino”. E dispara: “Sua influência é, por isso, muitas vezes lamentada porque seria uma distorção da total transcendência e alteridade divina em favor de um Deus demasiadamente humano e condescendente”.

Por outro lado, Hammes destaca que o mérito do teólogo alemão “está no pensamento corajoso e dialogal com a Modernidade”. Além disso, a concepção de ser humano como ouvinte da palavra e da revelação como autocomunicação divina “foram decisivas para a maneira de leitura bíblica posterior”.

Hammes é graduado em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, e mestre e doutor em Teologia Sistemática, pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Atualmente, é professor PUCRS, no curso de graduação e mestrado em Teologia. Integra a Comissão de Diálogo Bilateral Católico-Luterano da CNBB e é editor da Revista *Teocomunicação*. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual foi a principal contribuição de Karl Rahner para o diálogo entre modernidade e teologia? Como Rahner compreendeu a modernidade?**

**Érico João Hammes** - A principal contribuição de Karl Rahner para o diálogo entre Modernidade e Teologia foi a formulação e aplicação do método transcendental. Consiste em perguntar a respeito das condições de possibilidade presentes no ser humano para ouvir e responder à presença e palavra de Deus. A modernidade não parece ter merecido uma reflexão especial no seu pensamento, mas está presente como catalisador. Assim, por exemplo, como Karl Barth, quando discute a Teologia Trinitária, relativiza o conceito de pessoa, ante certa maneira individualista de considerá-la na Modernidade. Frequentemente, fala do “ser humano atual”, da “Igreja no mundo de hoje” e identifica a secularização

da sociedade, o papel das ciências positivas, o pluralismo filosófico, religioso e cultural, o valor insubstituível da experiência e da espiritualidade como fatores decisivos na configuração desse “ser humano” e da Igreja. Mostra-se especialmente sensível à urgência de reelaboração teológica mediante uma adequada hermenêutica da fé em vista da maioria humana atual.

**IHU On-Line - Qual foi a influência e as principais contribuições de Rahner no Concílio Vaticano II?**

**Érico João Hammes** - Rahner, no Concílio, esteve ao lado de muitos outros teólogos e tudo o que se lhe possa atribuir só foi possível porque havia um clima geral de repensamento da Igreja e do Cristianismo. Franz König, o Bispo austríaco a serviço de quem Rahner esteve no Concílio, testemunha a intensa atividade do Teólogo de Innsbruck em

conferências para os demais, no estudo metódico dos documentos preparatórios e na sua crítica honesta à luz da realidade pastoral que vivia. Provavelmente seja, de fato, essa a sua maior influência. Apesar disso, é certo que sua concepção do ser humano como ouvinte da palavra e da revelação como autocomunicação divina, presentes na *Dei Verbum*, foi decisiva para a maneira de leitura bíblica posterior. O tema da sacramentalidade de Cristo e da Igreja e as questões relativas à estrutura interna podem ser encontradas em seus escritos e refletem o Vaticano II.

**IHU On-Line - Rahner é considerado o “pai da Igreja do século XX”. Como o senhor analisa a importância que a teologia de Rahner conquistou no ambiente eclesial pré e pós-conciliar? O que estava em jogo e por que**

### Rahner conseguiu oferecer as respostas apropriadas?

Érico João Hammes - Seria um equívoco imaginar que Rahner tivesse grande unidade em torno de seu nome como teólogo. Ao contrário, hoje cada vez mais aparecem, mesmo no Brasil, críticos ferrenhos de seu pensamento. O que não se perdoa nele é seu modo honesto de lidar com o ser humano concreto e seu modo de situar a reflexão da fé como responsabilidade humana frente ao Mistério Divino. Sua influência é, por isso, muitas vezes lamentada porque seria uma distorção da total transcendência e alteridade divina em favor de um Deus demasiadamente humano e condescendente.

De outro lado, e talvez com mais justiça, seu mérito está no pensamento corajoso e dialogal com a Modernidade. Muito cedo, abandona o modo escolástico de pensar (a *Schultheologie*, como gostava lembrar com fina ironia), sem abandonar a Tradição tomista. O neotomismo de Joseph Maréchal, entre outros, como se diria hoje, um Tomás revisitado com o pensamento de Kant e Heidegger<sup>1</sup> especialmente, e o recurso aos primeiros teólogos da Igreja e a uma simpática assimilação das pesquisas bíblicas lhe permitiram elaborar um conceito (*Begriff*) do cristianismo com o qual se pode seguir Jesus numa sociedade adulta.

Ao não temer as perguntas, levava a sério as respostas. Por isso, foi capaz de discutir sobre anjos e demônios, assim como sobre paz e guerra, revolução e libertação, infalibilidade papal

(pró e contra Küng)<sup>2</sup> e diaconado permanente, devoção ao coração de Jesus e anticoncepcionais, pecado original e evolução, o “significado permanente da oração” e questões genéticas. Embora escrevesse muito, quase não tem obras inteiras; é uma verdadeira teologia a caminho e em caminho. Pensar com honestidade e sem medo, com Deus como amigo (Romano Guardini)<sup>3</sup> e os seres humanos como interlocutores, parece ter sido seu grande segredo. Foi assim que, já em 1951, pôde enfrentar o tema crucial das formulações dogmáticas cristológicas apontando-as como um fim, mas mais ainda um começo, uma espécie de envio para uma recuperação constante em vista das exigências atuais da fé, superando sua repetição rotineira.

Para além de Rahner, no entanto, é preciso lembrar de uma verdadeira

2 Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecológica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecológica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Um escritório da Fundação de Ética Mundial funciona dentro do Instituto Humanitas Unisinos desde o segundo semestre do ano passado. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva e *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007, aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng – Ciência e fé – por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFGM. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do “Projeto de ética mundial”. Confira, no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), a edição 240 da revista IHU On-Line, de 22-10-2007, intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate*. (Nota da IHU On-Line)

3 Romano Guardini (1885-1968): teólogo, filósofo, pedagogo e literato italiano. Lecionou na Universidade de Bonn e na Universidade de Berlim, onde permaneceu até a década de 1930, quando o Terceiro Reich impediu suas atividades docentes. Em 1945, reassumiu na Universidade de Tübingen, passando, pouco depois, à de Munique. Escreveu muitas obras, entre elas *De la mélancolie*, traduzida por Jeanne Ancelet-Hustache (Paris: Points, 1953), e *La fin des temps modernes* (Paris: Seuil, 1952). (Nota da IHU On-Line)

teologia da dor humana e do sofrimento estrutural, que outros, viram melhor do que ele como J. B. Metz,<sup>4</sup> J. Moltmann,<sup>5</sup> G. Gutiérrez,<sup>6</sup> J. Sobrino,<sup>7</sup> a Teologia Feminista e todas

4 Johann Baptist Metz: teólogo alemão. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15 de abril de 2002 e reproduzimos um artigo escrito por ocasião do 60º aniversário de Karl Rahner, publicado como introdução, no livro *Gott in Welt. Festgabe für Karl Rahner*, na edição de nº. 102, de 24 de maio de 2004. (Nota da IHU On-Line)

5 Jürgen Moltmann (1926): professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen. Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. É autor de, entre outros, *Teologia da Esperança* (São Paulo: Herder, 1971). Confira a entrevista de Jürgen Moltmann, um dos maiores teólogos vivos, na IHU On-Line número 94, de 29-03-2004. Desse autor a Editora Unisinos publicou o livro *A vinda de Deus. Escatologia cristã* (São Leopoldo, 2003). O professor Susin apresentou o livro *A vinda de Deus: escatologia cristã*, de Jürgen Moltmann, no evento Abrindo o Livro do dia 26 de agosto de 2003. Sobre o tema, confira na IHU On-Line número 72, de 25-08-2003, a entrevista do Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin. A edição 23 dos *Cadernos Teologia Pública*, de 26-09-2006, tem como título *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann*, de autoria de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. Nota da IHU On-Line)

6 Gustavo Gutiérrez (1928): padre e teólogo peruano, um dos pais da Teologia da Libertação. Gutiérrez publicou, depois de sua participação na Conferência Episcopal de Medellín de 1968, *Teologia da Libertação* (Petrópolis: Vozes, 1975), traduzido para mais de uma dezena de idiomas, e que o converteu num teólogo polêmico. Uma década mais tarde participou da Conferência Episcopal de Puebla (México, 1978), que selou seu compromisso com os desfavorecidos e serviu de motor de mudança na Igreja, especialmente latino-americana. Alguns dos últimos livros de Gustavo Gutiérrez são *Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992) e *Onde dormirão os pobres?* (São Paulo: Paulus, 2003). (Nota da IHU On-Line)

7 Jon Sobrino: teólogo espanhol, jesuíta, que em 27-12-1938 entrou para a Companhia de Jesus e em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorado-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha) com a tese *Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologias sistemáticas de W. Pannenberg y J. Moltmann*.

1 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger* (<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158344730.57pdf.pdf>), e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica* (<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158344314.18pdf.pdf>). Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU em formação*, intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1175210604.13pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

as demais correntes que partem da negatividade da história e do seu reverso passando pela cruz do Mistério Divino. Seu mérito consistiu em, entre outros, devolver à Teologia seu lugar de ser palavra humana sobre a palavra divina. E embora, como ele mesmo reconhecia, não fosse até o fim, deixou as categorias fundamentais para que outros seguissem. A dívida que permanece é a da seriedade rigorosa com que é preciso ir adiante.

### IHU On-Line - Qual a concepção de Deus em Rahner? Como o homem pode chegar ao Mistério?

Érico João Hammes - A concepção central de Deus em Rahner é a de Mistério Último que se comunica a nós em Jesus Cristo e nos une a si pela graça (Espírito Santo). Do ponto de vista da Teologia, essa maneira de entender a Deus exige uma retomada profunda da Teologia Trinitária. O ponto de partida é a revelação, no seu famoso axioma, segundo o qual “a Trindade econômica é a Trindade imanente e vice-versa”. Quer dizer: para falar de maneira menos inadequada a respeito do mistério divino, não se deve tomar qualquer reflexão humana sobre um Deus presumidamente alcançável pela razão, mas aquele que se revela na história da salvação (Trindade Econômica). Com isso, de maneira alguma se desprezam os recursos do pensamento. Pelo contrário, há que pensar com todo o rigor o que é o pressuposto, o Mistério revelado e a partir da revelação, cujo

É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da *Revista Latinoamericana de Teologia* e do Informativo *Cartas a las Iglesias*, além de ser membro do comitê editorial da *Revista Internacional de Teologia Concilium*. A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas *Notícias do Dia*, bem como o artigo *A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino*, publicada na editoria Teologia Pública, escrita pela teóloga uruguaia Ana Formoso na edição 213 da IHU On-Line, de 28-03-2007. A IHU On-Line também produziu uma edição especial, intitulada *Teologia da Libertação*, no dia 02-04-2007. A edição 214 está disponível no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da IHU On-Line)

centro é a encarnação, plenitude do ser humano. Nas reflexões sobre Deus em si mesmo (Trindade imanente), adere decididamente à forma litúrgica e oriental de compreender a unidade a partir do Pai. O Deus é o Pai, que gera o Filho na autocomunicação, do amor ao qual procede o Espírito.

O ser humano é sujeito da oferta divina como “existencial sobrenatural”, à qual corresponde em Jesus Cristo. Teologicamente, o ser humano é de tal estrutura que se orienta para

**“A principal contribuição de Karl Rahner para o diálogo entre Modernidade e Teologia foi a formulação e aplicação do método transcendental. Consiste em perguntar a respeito das condições de possibilidade presentes no ser humano para ouvir e responder à presença e palavra de Deus”**

autotranscendência, cuja plenitude é o Filho encarnado. A familiaridade assim criada se concretiza no encontro com o Mistério unificador. Esse encontro é descrito como um “deixar-se cair para dentro do mistério que chamamos Deus”, esse “indefinível, inefável mistério divino”, pelo qual nós mesmos somos divinizados (*Grundkurs*, p. 413).

IHU On-Line - Rahner ainda oferece

boas bases para uma compreensão e uma superação dos atuais desafios da Igreja e de uma sociedade considerada pós-moderna? Em que sentido?

Érico João Hammes - A primeira contribuição de Rahner para compreender a sociedade atual é seu método, mais precisamente, sua maneira de fazer Teologia. Ouvir, dialogar, pensar e dizer. Ouvir o que os interlocutores têm a dizer, levar a sério sua perspectiva e aceitar suas perguntas. Aproximar-se de seu pensamento a fim de aprender a pensar de novo as implicações da própria fé e trazê-las ao conceito. De um modo especial, valorizar a experiência do crer, o ser místico, o testemunho de uma ética da responsabilidade por todos os setores da sociedade e dos sujeitos pessoais, reconhecendo a provisoriabilidade das fórmulas em favor de sua incessante reelaboração ou releitura.

Quanto à Igreja, é o lugar do exercício do amor ao próximo e a Deus como serviço ao mundo e testemunho do irrevogável e irreversível autoempenho e autocomunicação divina ao mundo em Jesus Cristo, “portador absoluto da salvação”. Em sua condição de sacramento original, traz em si a capacidade para mudar suas próprias estruturas diante das transformações da sociedade, pode responder de maneira plural e local aos anseios e às expressões mais diversas geográfica, religiosa e culturalmente. Cada vez menos dona do mundo e das consciências, é chamada a ser um sinal de acolhida das dores e sofrimentos, das incertezas e buscas do mundo, revisando-se constantemente em suas estruturas e relações com as demais confissões cristãs, as outras religiões e cosmovisões.

**IHU On-Line - Quais eram os desafios teológicos que Rahner buscou responder? Em quais fontes do pensamento Rahner foi buscar respostas a essas perguntas?**

Érico João Hammes - Rahner veio da tradição escolástica, mas passou por duas guerras mundiais, sendo que seus estudos se deram no perí-

odo entreguerras, na fase inicial do nazismo, em plena vigência do ateísmo filosófico e do regime comunista russo. As certezas e seguranças da teologia manualística viraram cinzas durante as guerras, mas deixaram um vazio de sentido e montanhas de ruínas. Ao mesmo tempo, o século XX iniciara com uma revisão da Teologia liberal protestante, das convicções filosóficas e de uma irrupção científica sem igual nos séculos anteriores. Assim, Rahner se debruça sobre esse ser humano, impregnado de morte, orgulhoso de seu pensamento e revestido de mundanidade, mas, ao mesmo tempo, inseguro e angustiado. Retoma o melhor de Santo Tomás e formula a tese do “espírito-no-mundo” para descrever o ser humano; em Kant e na tradição filosófica moderna, descobre ser necessário situar o ser humano de maneira adulta no mundo e diante do mistério divino; com Heidegger aprende a pensar a temporalidade, a morte e a orientação quase ontológica (existencial sobrenatural) do ser humano para a transcendência como autotranscendência. Na raiz dessa capacidade está o conhecimento profundo da Tradição teológica, desde a patrística, a exegese bíblica, as diferentes escolas teológicas e a interlocução com a boa teologia do século XX.

**IHU On-Line - Como Rahner pode contribuir para o debate acerca do pluralismo religioso e do diálogo com as diferentes religiões? Qual a importância do conceito de “cristão anônimo” hoje?**

**Érico João Hammes** - O conceito de cristão anônimo sofreu inúmeras críticas, mas deve ser relido em sua potencialidade. Em última instância diz que o desígnio salvífico divino está para além das suas formas concretas e históricas. O termo “cristão anônimo” designa, então, geralmente uma consciência de salvação. Ou seja: a mensagem cristã afirma a salvação da humanidade e essa salvação é de tal ordem que, mesmo quando alguém não pertence ao cristianismo e vive em outra tradição, pode supor-se a presença salvífica do mistério divino

agindo nele por meio do Espírito Santo. Com isso não se abdica da tarefa do cristianismo de anunciar e testemunhar o Evangelho, mas se lhe impõe, ao contrário, fazê-lo de maneira gratuita e diaconal.

De certo modo, é inevitável que as gramáticas religiosas sejam dispensadas no diálogo inter-religioso. No entanto, seria um erro imaginar que daí seguisse necessariamente uma assimetria. Para o cristianismo a unidade humano-divina, na visão rahneriana, é o grande conteúdo da salvação. É a visão de Duns Scotus<sup>8</sup> de uma encarnação por amor e não

**“Mostra-se  
especialmente sensível  
à urgência de  
reelaboração teológica  
mediante uma adequada  
hermenêutica da fé em  
vista da maioria  
humana atual”**

por causa do pecado. Ora, nesse sentido, o diálogo não é discriminador, mas discernidor. Visa discernir o que é fundamental para a convivência e realização humana. As próprias fórmulas religiosas regionais, sempre poderão ser aprofundadas à luz dessa exigência.

**IHU On-Line - Qual é a importância de**

8 Duns Scotus (1265-1308): pertenceu à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Diverge das doutrinas platônica e aristotélica, no que se refere à valorização do indivíduo, tanto do ponto de vista metafísico, ao estabelecer a inteligibilidade como uma propriedade do singular, quanto do ponto de vista ético, ao defender o livre-arbítrio. Suas principais obras são a *Opus parisiensis* e a *Opus oxoniensis*, também conhecida como *Ordinatio*. (Nota da IHU On-line)

**se recuperar o pensamento de Rahner na atual conjuntura da Igreja?**

**Érico João Hammes** - Em primeiro lugar, é inevitável dar razão a certos de seus prognósticos: o Cristianismo e a Igreja adquiriram feições muito plurais, mas encolhem rapidamente em vários continentes. Uma boa Teologia da diáspora pode ajudar a viver nas pequenas comunidades que sobrevivem no “inverno” eclesial, reassumindo a força mística de disponibilidade ao Mistério Divino, repensando suas estruturas e assumindo com coragem a diversidade e pluralidade teológica e ministerial.

Em segundo lugar, levar a sério as perguntas e interpelações dirigidas à comunidade cristã, seja das ciências, da política, ou da filosofia.

Em terceiro lugar, deixar a Deus ser Deus, também na Igreja e não substituí-lo por nossas representações, por mais tradicionais que sejam. Por ser Mistério, é sempre maior e menor do que nossas categorias.

Por fim, ir para além de Rahner. Desde sua morte, em 1984, o mundo mudou muito e a Teologia andou por diversos caminhos. Seria anti-rahneriano fixar-se nele para dar conta da tarefa atual. A globalização se radicalizou, as ciências avançaram muito, o pluralismo se instalou em nossas casas, os movimentos religiosos se multiplicaram, muros caíram e outros foram edificados, crises econômicas se sucederam e teologias foram perseguidas, o Concílio sofre corrosões e teólogos e teólogas foram perseguidos e mortos de todas as formas.

#### LEIA MAIS...

>> Érico Hammes é autor do *Cadernos Teologia Pública* número 05, de 01-5-2004, intitulado *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*. O material está disponível no link <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1217875543.6837pdf.pdf>.

>> *Jon Sobrino e a Notificação do Vaticano*. Depoimentos de Luís Carlos Susin e Érico Hammes. *Notícias do Dia* 15-03-2007, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=5783](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=5783).

## Rahner e a entrada da Igreja na modernidade

O teólogo alemão Karl Rahner, através do Concílio do Vaticano II, tentou intensificar o diálogo entre Igreja e seres humanos, assinala João Batista Libânio

POR MOISÉS SBARDELLOTO, MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

“**R**ahner pensa uma Igreja aberta e dialogável. Ele espera que ela se aproxime daqueles que estão fora, dos ateus e que assuma corajosamente o confronto com os problemas da atualidade”, aponta o teólogo João Batista Libânio. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele diz que Rahner, com respaldo institucional e forte personalidade, “exerceu enorme influência em todo o conjunto do Concílio”. Libânio destaca ainda o desejo de Rahner em “compreender o ser humano no segredo de Deus, tanto na sua estrutura real criatural como nas condições históricas de cada momento”. A paixão por Deus e pelo ser humano, na visão do teólogo alemão, devia servir de modelo para a Igreja.

Para Libânio, “os que precederam o Concílio influenciaram em sua redação e os que seguiram a ele estão ainda a contribuir para a configuração do novo paradigma de Igreja”. Como não se trata de um processo linear, assegura, “os escritos de Rahner continuam referência para manter viva a chama da eclesiologia do Concílio”.

João Batista Libânio é padre jesuíta, escritor, filósofo e teólogo. É também mestre e doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), de Roma. Atualmente, leciona na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e é membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. É autor de diversos livros, dentre os quais *Teologia da revelação a partir da Modernidade* (5. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2005), *Qual o caminho entre o crer e o amar?* (2. ed. São Paulo: Paulus, 2005) e *Qual o futuro do cristianismo* (2. ed. São Paulo: Paulus, 2008). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual foi o significado do Concílio Vaticano II para a Igreja e dentro dessa mudança, qual foi a atuação de Karl Rahner?**

**João Batista Libânio** - O Concílio Vaticano II significou a entrada oficial da Igreja na modernidade com todas as riquezas e problemas que isso supõe. Modernidade significa nova imagem científica do mundo, valorização da subjetividade e da hermenêutica, diálogo aberto com mundo industrializado capitalista, proximidade e valorização das realidades terrestres, secularização de muitas estruturas internas da Igreja, maior sensibilidade para com as igrejas evangélicas, com as outras religiões e com os ateus, liberdade religiosa, abertura inicial para o mundo dos pobres, valorização do leigo, novo zelo missionário com respeito às culturas autóctones em espírito de diálogo e inculturação etc. Esse enorme programa recebeu influência de muitas ideias que Rahner já vinha

defendendo em seus escritos. Perito conciliar desde a preparação e durante todo o Concílio, gozava de enorme respeitabilidade diante dos bispos e, sobretudo, de cardeais alemães de grande peso, como o cardeal König e outros. Com tal respaldo institucional e com sua forte personalidade, aliada à profunda e sólida teologia, exerceu enorme influência em todo o conjunto do Concílio. Difícil indicar os pontos em concretos. Praticamente, Rahner trabalhou teologicamente todas as grandes questões da modernidade, indicadas acima.

**IHU On-Line - Na sua opinião, as propostas sugeridas por Rahner no Concílio do Vaticano II ajudaram a construir que modelo de Igreja?**

**João Batista Libânio** - A categoria Povo de Deus foi decisiva. Deixou-se a visão abstrata e jurídica para assumir uma posição antes pastoral. O fato de o capítulo dedicado ao povo de Deus

preceder o estudo da hierarquia e dos leigos mostrou a base comum da Igreja por força do batismo. A hierarquia se entende na perspectiva da diaconia e não do poder autoritativo. A colegialidade foi outro ponto nodal. Seria longo detalhar os aspectos da eclesiologia do Vaticano II que receberam dos escritos de Rahner substancial contribuição. Basta lançar rápida mirada sobre as suas obras para ver a quantidade enorme de temas relativos à Igreja. Os que precederam o Concílio influenciaram em sua redação e os que seguiram a ele estão ainda a contribuir para a configuração do novo paradigma de Igreja. Não se trata de processo linear, mas com avanços e retrocessos. Os escritos de Rahner continuam referência para manter viva a chama da eclesiologia do Concílio.

**IHU On-Line - É possível caracterizar Rahner como um teólogo que tentou aproximar tradicionais e progressis-**

tas?

**João Batista Libânio** - Rahner tinha a vantagem de conhecer profundamente a teologia tradicional na qual foi formado. Dominava a patrística, a grande Escolástica e também a neoescolástica. De dentro dela, era capaz de avançar para as novas intuições da teologia moderna. Com isso, conseguia lançar ponte para os padres conciliares, formados na neoescolástica, entenderem e depois votarem proposições consoantes com a teologia moderna ou como se dizia então com *la nouvelle théologie*, iniciada, aliás, na França.

**IHU On-Line - Como podemos classificar os pensamentos de Rahner para a Igreja de hoje? Eles permanecem atuais ou ainda configuram um desafio para a Igreja e ajudam sua atualização?**

**João Batista Libânio** - Rahner continua um teólogo desafiante. Pôs os fundamentos para os avanços ulteriores, inclusive para a Teologia da Libertação. Considero suas reflexões sobre a graça a partir da categoria do existencial sobrenatural extremamente inovadoras. Relativizam bastante o poder institucional, ao valorizar a dimensão existencial do fiel. Além disso, ele insiste em dar ao homem moderno a confiança de que ele pode crer com honradez intelectual, e isto desde o conteúdo do dogma cristão. Crer não implica nenhuma violência contra a inteligência. As pessoas hoje rejeitam imposições. Rahner pensa uma Igreja aberta e dialogável. Ele espera que ela se aproxime daqueles que estão fora, dos ateus e que assuma corajosamente o confronto com os problemas da atualidade. Rejeita a atitude eclesial de avestruz. A tônica fundamental de Rahner visa a compreender o ser humano no segredo de Deus, tanto na sua estrutura real criatural como nas condições históricas de cada momento. Ele une a paixão por Deus e pelo ser humano. E pensa uma Igreja desta maneira. Toda teologia para ele é pastoral. E a Igreja só tem sentido *propter homines* e não para ela mesma.

**IHU On-Line - Como o trabalho cristão anônimo de Rahner pode ser**

**reinterpretado hoje, especialmente quando se reflete sobre o pluralismo religioso?**

**João Batista Libânio** - A intuição rahneriana do “cristão anônimo” nasce de sua concepção da graça numa perspectiva antropológica. Vê o ser humano numa nova e radical orientação de sua existência animada pela graça (anônima) de Deus. E tal graça atravessa todos os seres humanos, e, portanto, está presente em todas as religiões. Para ele, a experiência da graça de Cristo é a realidade fundamental do cristianismo, a base importante para um diálogo positivo com as religiões, ao saber que Deus age em todas elas e que seus fundadores e membros refletem do atuar de Deus e podem manifestar-nos facetas de Deus que nos escapam. No diálogo com elas, temos a originalidade de Jesus a oferecer e facetas de Deus a aprender delas. No final do diálogo, tanto nós como os outros saímos enriquecidos a respeito do mistério de Deus.

**IHU On-Line - Qual foi a principal contribuição de Karl Rahner para o diálogo entre ciência e teologia na sociedade? Como Rahner lidou com as questões antropológicas e cosmológicas do seu tempo?**

**João Batista Libânio** - Rahner não refugou nenhuma questão moderna. Enfrentou todas as que se lhe apresentavam. Daí a amplitude da temática abordada em seus artigos. Mas sempre a partir das intuições básicas teológicas, cujo núcleo consiste na relação de graça entre o Mistério insondável de Deus e o ser humano, existencialmente voltado para ele pela força dessa graça. A graça não desce diretamente do céu, casualmente, de um Deus perdido na sua Transcendência, mas está já inserida, de modo permanente, no mundo e aparece como realidade historicamente palpável, fundada na carne de Cristo. Com tal concepção de graça, aproxima-se para dialogar com todo tipo de pessoas e posições, procurando discernir nelas a presença desse mistério de Deus. Não as julga de fora nem as condena, mas discerne nelas o jogo da graça e dos limites humanos. Aí está a fonte do diálogo. Em

concreto tratou de muitas questões da relação entre teologia e ciência. Haja vista os artigos sobre a hominização, a manipulação genética, o ser humano como experimentação científica, o monogenismo, a relação entre cristologia e concepção evolucionista do mundo etc.

**IHU On-Line - Quais ideias defendidas por Rahner prosperam ainda hoje e estão presentes na Igreja em seu diálogo com as ciências?**

**João Batista Libânio** - Mais do que reflexões para questões científicas que surgem a cada momento, Rahner nos oferece um modo de diálogo. Não teme a razão, nem os conflitos, por que tem posição extremamente esperançosa sobre o ser humano e suas possibilidades. Todo ser humano vive já num âmbito de existência concreta [*Daseinsraum*] ao qual pertence a realidade de Jesus Cristo; está integrado no espaço da história do qual faz parte Jesus Cristo. Essa irradiação da graça vitoriosa de Cristo possibilita dialogar com qualquer realidade humana, filosófica ou científica. No fundo, está a visão de Paulo<sup>1</sup> de que tudo foi criado através de Cristo e para ele. “Ele existe antes de todas as coisas e nele todas as coisas têm consistência (Cl 1,

<sup>1</sup> **Paulo de Tarso** (3 - 66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Tempo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso, a IHU On-Line 175, de 10-04-2006, dedicou o tema de capa *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*. A versão encontra-se disponível para *download* no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). A edição número 286, de 22-12-2008, intitulada *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, está disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23). (Nota da IHU On-Line)

16s). Texto, que, por sinal, fascinava a Teilhard de Chardin.<sup>2</sup> Essa postura teilhardiana e rahneriana favorece o diálogo com as ciências, venham os problemas que vierem.

**IHU On-Line - Como se pode situar a atuação de Rahner e de Ratzinger no Concílio Vaticano II? Como suas teologias foram se encaminhando a partir desse momento histórico?**

**João Batista Libânio** - Na biografia de Rahner, Vorgrimler<sup>3</sup> alude ao fato de que M. Schmaus rejeitara o escrito de habilitação de Ratzinger. Apesar disso, houve uma primeira aproximação de Rahner a ele, pois ficara muito satisfeito com artigos que o jovem Ratzinger, especialista em dogmática, escrevera para o dicionário *Lexikon für Theologie und Kirche*. Ambos trabalharam na época da primeira sessão do Concílio, em 1962, como peritos conciliares, na

2 Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre Chardin, confira o artigo de Carlos Heitor Cony, publicado nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), de 16-06-2006, *Teilhard: o fenômeno humano. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão*. A edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158268345.05pdf.pdf>. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria* (<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158267341.59pdf.pdf>), publicada na edição 135, de 05-05-2005 e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, (<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158266847.13pdf.pdf>), ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158266098.47pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

3 Herbert Vorgrimler (1929): foi um dos colaboradores mais íntimos de Rahner, a quem sucedeu como catedrático de Dogmática e História dos Dogmas na Universidade de Münster. Publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler na IHU On-Line número 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. Ela está disponível no endereço <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158260371.36word.doc>. (Nota da IHU On-Line)

## “O Concílio Vaticano II significou a entrada oficial da Igreja na modernidade com todas as riquezas e problemas que isso supõe”

nova redação do que será mais tarde a *Dei Verbum*. Apesar dessa proximidade inicial, Rahner trilhou uma trajetória em que o mistério de Deus se espelhava na realidade humana, enquanto Ratzinger se inclinava para uma leitura antes dogmática. O próprio Ratzinger reconhece que ambos moravam em dois planetas teológicos diferentes. Via em Rahner uma influência do idealismo alemão e de Heidegger, enquanto ele se julgava mais ligado aos Padres da Igreja e à Escritura. Talvez não seja exato a respeito de Rahner dizer que para ele a Escritura e os Padres não desempenhavam função importante. Ratzinger aproximou-se mais tarde de Hans von Balthasar, que prima por uma teologia estética do Deus transcendente. De uma maneira bem simplista, Rahner cultivou uma “teologia de baixo” e Ratzinger “de cima”. Naturalmente não se pode exagerar tal distinção. Serve apenas como tendência, já que só existe teologia na articulação entre ambas.

**IHU On-Line - Quais foram os teólogos que tinham afinidade com Rahner, com seu pensamento mais avançado? E na Teologia da Libertação?**

**João Batista Libânio** - Na nossa Faculdade de Teologia de Belo Horizonte, FAJE, praticamente todos recebemos forte influência de Rahner. Padre Tabora<sup>4</sup> o conhece mais profunda e detidamente. Ele é o que

4 Francisco Tabora: filósofo graduado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, de São Leopoldo, licenciado em Teologia, pela Philosophisch-Theologische Hochschule St. Georgen, Frankfurt-am-Main, Alemanha e doutor em Teologia, pela Westfälische Wilhelms-Universität, Münster, Alemanha. É professor de Teologia da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Belo Horizonte. (Nota da IHU On-Line)

mais entende de Rahner entre nós. Na PUC-Rio, está o padre Mário de França Miranda,<sup>5</sup> que fez sua tese doutoral sobre Rahner. Todo teólogo que assimilou as questões modernas deve, sem dúvida, muito a Rahner. A própria teologia da libertação avança sobre a antropologia rahneriana, mas não a salta. Supõe-na como base imprescindível. Sua compreensão aberta em relação ao mundo moderno permitiu que a Teologia da Libertação lhe ampliasse o campo em direção aos pobres, também eles em profunda relação com a situação atual. Só que estão na condição de vítimas desse sistema. Nisso, a Teologia da Libertação<sup>6</sup> trouxe um avanço sobre a antropologia rahneriana. Foi além desse sujeito moderno, pensado predominantemente a partir da modernidade eurocêntrica, em direção ao pobre, excluído do sistema. Uma visão demasiadamente otimista sobre o mundo moderno recebe corretivos a partir da situação dos marginalizados e deserdados dos países pobres.

### LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedida por Libânio à IHU On-Line.

- “*Aparecida significou quase uma surpresa*”. Edição 224, de 20-06-2007, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*, disponível em [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema&Itemid=23](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema&Itemid=23);
- “*A Teologia não se dá mal com o discurso não metafísico, por isso ela pode falar muito bem na pós-modernidade*”, publicada no sítio do IHU, em 16-08-2008. Disponível no endereço [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=15937](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=15937);
- “*A morte não deve ser o critério de leitura dos acontecimentos*”, publicada no sítio do IHU, em 10-04-2009. Acesse em [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=21273](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=21273);

5 Mário de França Miranda (1936): padre jesuíta brasileiro. Ingressou na Companhia de Jesus em 1955, foi ordenado presbítero em 1967. Autor de vários livros de Teologia, atualmente é professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

6 Sobre o tema, confira a edição número 214, da revista IHU On-Line, intitulada *Teologia da Libertação*, publicada em 2/4/2007. O material está disponível em [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23). (Nota da IHU On-Line)

## Um teólogo da modernidade

Para Mário de França Miranda, a reflexão de Rahner sobre a graça de Deus é decisiva para a teologia atual

POR MOISÉS SBARDELOTTO, MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

“**A** concepção unitária de natureza e graça propugnada por Rahner, por H. de Lubac e por outros possibilitou o direcionamento da reflexão teológica para as realidades deste mundo e, portanto, contribuiu para o nascimento das teologias da libertação, como testemunha explicitamente Gustavo Gutierrez em sua obra fundamental”, considera Mário de França Miranda, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Para ele, Rahner, “percebeu a distância entre a cultura moderna laicizada e os enunciados doutrinários, procurando então cobrir este vazio”.

Segundo França Miranda, a maior ameaça sofrida pela Igreja é a fé crista de seus membros, “agravada pela oferta múltipla de interpretações da realidade e pela velocidade das mudanças socioculturais”. De acordo com o teólogo, esse cenário foi previsto por Rahner, daí recorre sua “insistência na dimensão experiencial ou mística da fé para o indivíduo”.

Mário de França Miranda possui graduação em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, mestrado em Teologia, pela Faculdade de Teologia da Universidade de Innsbruck e doutorado em Teologia, pela Universidade Gregoriana. Atualmente, é professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Ele é autor de várias obras, entre elas *A existência cristã hoje* (São Paulo: Edições Loyola, 2005), *A Igreja numa sociedade fragmentada. Escritos Eclesiológicos* (São Paulo: Edições Loyola, 2006) e *Aparecida: a hora da América Latina* (São Paulo: Edições Paulinas, 2006). Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Qual o legado de Karl Rahner no Concílio Vaticano II?

**Mário de França Miranda** - É difícil estabelecer concretamente a contribuição de Rahner neste Concílio porque os trabalhos eram realizados em comum por grupos de teólogos. O texto final remetia assim a um *labor coletivo*, fruto de muitas cabeças. Mas podemos, sem dúvida, apontar algumas ideias de Rahner, algumas já defendidas por ele antes mesmo do Concílio, que influenciaram diversos textos conciliares. Assim, temas como a colegialidade episcopal, o diaconato permanente, a mariologia, a revelação, a relação da Igreja com a sociedade, a atividade missionária da Igreja, denunciam a reflexão profunda e crítica deste teólogo. Talvez também seja importante mencionar sua pessoa e seu modo de pensar a teologia que, partindo de uma sólida tradição, sabia renová-la para o momento presente e, ainda mais, num latim que encantava a todos os participantes.

### IHU On-Line - Que influência teve o pensamento de Karl Rahner para a teologia pós-conciliar?

**Mário de França Miranda** - Creio que decisiva mesmo para a teologia atual foi a reflexão deste teólogo sobre a *graça de Deus*. Podemos mesmo afirmar que aqui encontramos o núcleo de todo o seu sistema. Partindo da vontade salvífica universal, Rahner repensa temas centrais como a relação entre natureza e graça ou entre graça santificante e inabituação trinitária, a experiência da ação salvífica de Deus no ser humano, a fundamentação antropológica para o fato da revelação, do profetismo, da inspiração, da ética existencial, do discernimento inaciano, da salvação dos não cristãos, da teologia das religiões, para citar alguns temas teológicos que muito devem à sua pessoa. Mas gostaríamos de enfatizar sua preocupação por estabelecer uma base antropológica para as verdades da fé, presente em sua teologia trinitária, em sua cristologia, em sua

sacramentologia, e em sua eclesiologia. No fundo, ele percebeu a distância entre a cultura moderna laicizada e os enunciados doutrinários, procurando então cobrir este vazio. Daí buscar apresentar um *nexo* que facilitasse a seus contemporâneos o acolhimento dos dogmas cristãos. Esta preocupação continua na teologia atual, sobretudo na eclesiologia como nos comprovam os estudos de Hermann-Josef Pottmeyer<sup>1</sup> e Medard Kehl<sup>2</sup> na Alemanha, de Severino Dianich<sup>3</sup> na Itália ou de Joseph Komonchak<sup>4</sup> nos Estados Unidos. Não esqueçamos ainda que a concepção unitária de natureza e graça propugnada por Rahner, por H. de Lubac e por outros possibilitou o direcionamento da reflexão teológica para as realidades deste mundo e, portanto,

1 Hermann-Josef Pottmeyer (1934): teólogo alemão. (Nota da IHU On-Line)

2 Medard Kehl (1942): teólogo jesuíta alemão. (Nota da IHU On-Line)

3 Severino Dianich: teólogo italiano. (Nota da IHU On-Line)

4 Joseph Komonchak: teólogo norte-americano. (Nota da IHU On-Line)

contribuiu para o nascimento das teologias da libertação, como testemunha explicitamente Gustavo Gutierrez em sua obra fundamental.

**IHU On-Line - Por que em anos mais recentes se observou uma tentativa de levar ao esquecimento a teologia de Karl Rahner, seja com ataques a seu pensamento, seja simplesmente por marginalizá-lo do ensino, sobretudo nos seminários?**

**Mário de França Miranda** - Poderíamos elencar várias razões, sem pretender hierarquizar-las em ordem de importância. Primeiramente devido ao fato que Rahner *dominou* no sentido mais forte do termo o campo teológico durante muitos anos, em consequência de seu intenso labor teológico comprovado em inúmeras publicações, inclusive em dicionários teológicos e em manuais de pastoral orientados por ele. Outras excelentes teologias não tiveram nesta época o reconhecimento que mereciam. Depois do falecimento de Rahner elas puderam emergir com mais força. Outra razão foi a *desconfiança* do magistério eclesiástico com relação às últimas publicações de Rahner. Pois, vendo os obstáculos postos pela Santa Sé à implantação das conclusões conciliares, o nosso teólogo pleiteia com mais vigor em favor do Concílio com textos que preocupavam as autoridades eclesiásticas, sobretudo por tratarem de temas eclesiológicos que iam em direção contrária à tendência centralizadora do Vaticano. Poderíamos também mencionar a base filosófica do sistema rahneriano, de cunho transcendental embora bem mitigado, que para muitos aprisionava, limitava e mesmo deformava a revelação divina em categorias filosóficas, sujeitas a questionamentos e dúvidas. Entretanto quem tem conhecimento da vasta produção teológica de Karl Rahner, mesmo que não exaustivamente, sabe muito bem que sua reflexão sobre o que ele chamava de “teologia formal e fundamental”, expressa sistematicamente no *Curso Fundamental da Fé* (São Paulo: Paulus, 1989), representa somente uma *parte* de sua teologia diante de suas pesquisas na área da história dos dogmas e

“Nem todos os que estudam sua teologia conseguem alcançar o equilíbrio que aparece em suas páginas conciliando mística e razão, amor à Igreja e crítica à instituição, afirmação do sacramento e ênfase na graça, rigor teológico e preocupação pastoral”

da patrologia, de seus artigos e livros sobre espiritualidade e pastoral, formação presbiteral e maioria laical, para só citar algumas.

**IHU On-Line - Ainda se pode considerar Karl Rahner um teólogo que realmente ajude à fé cristã em seu diálogo com a atual sociedade?**

**Mário de França Miranda** - Karl Rahner foi sempre considerado, juntamente com outros como H. de Lubac, Urs von Balthasar, W. Pannenberg, um teólogo que refletiu sempre nas coordenadas culturais da *modernidade*. Neste ponto, não há a menor dúvida e seus escritos não escondem este quadro referencial. Porém, vivemos hoje a crise da modernidade, caracterizada como o advento da pós-modernidade descrita diversamente segundo os estudiosos. Neste novo horizonte de compreensão estaria o pensamento de Karl Rahner superado? Naturalmente, nosso teólogo jamais poderia ser considerado pós-moderno pela importância que sempre deu a uma reflexão filosófica crítica e séria que buscava se fundamentar na filosofia aristotélico-tomista e heideggeriana. A crítica atual feita ao racionalismo da

modernidade, deixando outras dimensões da realidade humana em silêncio, na minha opinião não atinge a teologia rahneriana. Pois a preocupação deste teólogo com a experiência da graça, desde seus primeiros escritos, o levou a Santo Agostinho, a São Boaventura e a Santo Inácio de Loyola, que acabaram por fornecer um viés mais *existencial* e concreto a seu pensamento, liberando-o de um racionalismo frio e rígido. Confesso, contudo, que nem todos os que estudam sua teologia conseguem alcançar o equilíbrio que aparece em suas páginas conciliando mística e razão, amor à Igreja e crítica à instituição, afirmação do sacramento e ênfase na graça, rigor teológico e preocupação pastoral.

**IHU On-Line - Qual a importância deste teólogo para a atual conjuntura da Igreja?**

**Mário de França Miranda** - A resposta a esta pergunta depende da caracterização da atual situação eclesial. Dizer o que realmente afeta a instituição eclesial em nossos dias não poderá ser expresso no singular. E, mesmo oferecendo vários elementos que compõem o quadro, teríamos de valorizar diferentemente os fatores em questão. Não farei isto, embora reconheça ser o método mais objetivo. Darei a palavra à minha intuição pessoal com o risco de ser demasiado subjetivo. A ameaça maior sofrida hoje pela Igreja é a *fé cristã* de seus membros. Vivemos hoje numa cultura cujo imaginário é secular e cujo humanismo é imanente (Charles Taylor<sup>5</sup>) agravada pela oferta múlti-

<sup>5</sup> Charles Taylor: filósofo canadense, autor de vários livros como *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, editado em 1989 e traduzido para o português sob o título *As fontes do self. A construção da identidade moderna* (São Paulo: Loyola, 1997). Também é o autor do livro *The malaise of modernity*, publicado em 1991 e traduzido para várias línguas. Em português podem ser conferidos, ainda, *Argumentos filosóficos* (São Paulo: Loyola, 2000) e *Multiculturalismo: Examinando a política de reconhecimento* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998). Confira, nesta edição da IHU On-Line, a entrevista “Em uma era secularizada o perigo de se construir um horizonte fechado é muito grande”, concedida pelo filósofo Elton Vitoriano Ribeiro. Nas *Notícias do Dia* 09-06-2009, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, leia o artigo *Nem todas as reformas vêm para prejudicar*, escrito

pla de interpretações da realidade e pela velocidade das mudanças socio-culturais. O cristão, por estar despreparado para enfrentar este entorno, tende a duvidar de sua fé, ou a se afastar da instituição eclesial vivendo sua religião particular com os componentes escolhidos por ele. Rahner previu esta situação como aparece claramente em seus escritos. Daí sua insistência na dimensão *experencial ou mística* da fé para o indivíduo. Sua afirmação se tornou famosa: “O cristão do futuro ou será um místico, ou não será mais cristão”. Na experiência pessoal da ação salvífica de Deus, ele via o fundamento sólido para uma vida cristã em meio à turbulência dos nossos dias. E a firmeza da fé encontrada no povo simples comprova sua afirmação.

Outra característica de sua teologia, muito significativa para a atual conjuntura eclesial, diz respeito a suas reflexões sobre a própria dimensão *institucional* da comunidade dos fiéis. São, sobretudo, escritos tardios, posteriores a sua experiência conciliar e provocados pelo retrocesso autoritário da Igreja com relação às conquistas do Vaticano II. Em nossos dias os católicos mais conscientes sentem, mesmo que não saibam exprimi-lo corretamente, uma defasagem entre a sociedade atual, pluralista, participativa, de liberdade de expressão, e de diálogo e a configuração institucional da Igreja de cunho monárquico, autoritário, centralizador moldado em padrões sociais do passado. Rahner lutou sempre pela necessidade de um espaço de opinião pública na Igreja, pela maioria do leigo cristão, pela fidelidade ao Espírito, pela respeito à Igreja Local, pela liberdade da reflexão teológica séria. Mas, em seus últimos anos de vida, sua preocupação maior foi com as estruturas institucionais da Igreja. Seu pequeno livro *Mudança estrutural da Igreja como tarefa e como chance* advoga uma Igreja não clerical, não moralista, serviçal, aberta, de orientações

por Charles Taylor. O material está disponível para download no link [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22963](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22963). (Nota da IHU On-Line)

concretas, dotada de autêntica espiritualidade, ecumênica, com a participação de todos e crítica diante da sociedade. São páginas escritas com o coração de quem muito amou esta Igreja e sempre a serviu com fidelidade, mesmo que possamos discordar de alguns trechos.

**IHU On-Line - São ainda atuais os escritos deste teólogo sobre o ecumenismo e sobre as religiões não cristãs?**

**Mário de França Miranda** - Uma breve palavra sobre os escritos ecumênicos deste teólogo. Rahner sempre demonstrou conhecer os principais teólogos luteranos ou calvinistas, embora não costumava citá-los, seja porque seu modo de fazer teologia era muito pessoal, seja porque procurava então dar uma “versão católica” às afirmações dos teólogos da Reforma. Embora reconhecendo que a caminhada ecumênica era longa e difícil, ele constatava certa falta de *vontade política* por parte dos dirigentes com relação à questão do ecumenismo, fato este que perdura até nossos dias. Daí sua inquietação calorosa traduzida em seus últimos escritos, que conservam grande atualidade.

Também não vejo como se possa oferecer uma base teológica para respaldar o respeito devido às religiões não cristãs prescindindo-se da teologia da graça deste teólogo, bem como de suas primeiras intuições a respeito das outras religiões como grandezas históricas. Mesmo o diálogo inter-religioso depende em boa parte das sendas abertas por Rahner, embora devam ser completadas por novos fatores surgidos no próprio exercício deste diálogo.

Como pode concluir o leitor, a reflexão teológica de Karl Rahner, sem dúvida difícil pela sua profundidade e pela amplitude da problemática, conserva ainda em nossos dias uma grande atualidade, desde que não nos limitemos a apenas repeti-lo, mas avancemos nas trilhas abertas por ele conforme ele próprio fez com os mestres que o guiaram na aventura teológica.

Participe do IHU Ideias | Quinta-feira às 17h30min

INFORMAÇÕES EM WWW.UNISINOS.BR/IHU

## A teologia de Rahner como paradigma

Para Heidi Russell, os teólogos de hoje precisam colocar a teologia de Rahner em diálogo com o mundo pós-moderno

POR MOISÉS SBARDELOTTO E PATRÍCIA FACHIN | TRADUÇÃO WALTER O. SCHLUPP

Segundo a teóloga americana Heidi Russell, a influência primordial de Karl Rahner sobre o Concílio Vaticano II se deu na “maneira como sua resolução da dicotomia entre natureza e graça fez possível ver Deus presente e ativo no mundo”. Para ela, “o ateísmo e a apatia e desconexão cada vez maior das pessoas em relação ao cristianismo” foi um dos maiores desafios percebidos pelo teólogo, no século XX. “Rahner tentou enfrentar esse desafio mediante a superação do dualismo entre natureza e graça, que passara a prevalecer na neoescolástica, ajudando as pessoas a enxergar formas em que Deus sempre já está operando no mundo e na vida dos seres humanos (independentemente do fato de a pessoa ser explicitamente cristã ou não).” Heidi destaca ainda que “a compreensão de Rahner de que a graça de Deus está presente, ao menos como oferta para todas as pessoas, levou a uma abertura na compreensão de como Deus poderia estar presente e operando em outras tradições”.

Heidi Russell é mestre em Teologia Sistemática, pela Washington Theological Union e doutora em Teologia Sistemática, pela Marquette University, em Milwaukee, Wisconsin, nos Estados Unidos. Atualmente, é professora da Loyola University, em Chicago, e integrante da Karl Rahner Society, fundada em 1991, nos Estados Unidos. Confira a entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

**IHU On-Line - Qual a principal contribuição de Karl Rahner para o diálogo entre a modernidade e teologia?**

**Heidi Russell** - Penso que a principal contribuição de Karl Rahner foi colocar a teologia e a neoescolástica tradicional da sua época em diálogo com a filosofia moderna via Heidegger e Kant. O desafio para os teólogos de hoje é colocar a teologia de Rahner em diálogo com o mundo pós-moderno.

**IHU On-Line - Quais desafios Rahner percebeu como urgentes para o cristianismo do século XX?**

**Heidi Russell** - Um dos maiores desafios que Rahner percebeu no século XX foi o do ateísmo e a apatia e desconexão cada vez maior das pessoas em relação ao cristianismo. Rahner tentou enfrentar esse desafio mediante a superação do dualismo entre natureza e graça, que passara a prevalecer na neoescolástica, ajudando as pessoas a enxergar formas em que Deus sempre já está operando no mundo e na vida dos seres humanos (independentemente do fato de a pessoa ser explicitamente cristã ou não); além disso, ele

incentivou os agentes pastorais (especialmente seus colegas jesuítas) a se engajar num ministério de mistagogia que facilitasse uma experiência pessoal de transcendência ou de mística na vida da pessoa.

**IHU On-Line - Qual é a concepção de Deus em Rahner? Em que consiste sua ideia da incompreensibilidade e do mistério de Deus, tão presente em seu mundo?**

**Heidi Russell** - Para Rahner, Deus é transcendente, está além do nosso alcance ou compreensão, porque Ele é um mistério incompreensível. Rahner usa a imagem do horizonte: avançamos sem jamais alcançá-lo; ou a analogia de uma assíntota, que é uma curva geométrica que se aproxima cada vez mais de outra linha, sem jamais tocá-la (porque você pode continuar dividindo infinitamente o espaço entre as duas linhas). Como Deus é extremamente transcendente, jamais podemos alcançar Deus, mas para Rahner a boa notícia é que não precisamos fazê-lo, porque Deus já nos alcançou. Esse Deus infinitamente transcendente

aproximou-se de nós na encarnação de Cristo e na graça, e no fato de o Espírito Santo habitar [em nós]. O Deus do mistério incompreensível é também o Deus do amor que se autocomunica, um Deus que revela e concede si mesmo a nós, em Cristo e no Espírito.

**IHU On-Line - Qual a influência e quais as principais contribuições de Rahner para o Concílio Vaticano II?**

**Heidi Russell** - Uma influência primordial que ele teve sobre o Concílio foi a maneira como sua resolução da dicotomia entre natureza e graça fez possível ver Deus presente e ativo no mundo. Acredito que sua perspectiva teológica fica muito evidente em *Gaudium et Spes*, mas também numa nova concepção de missiologia, evidente em *Ad Gentes*. Outro resultado dessa teologia foi a expansão da maneira como entendemos a possibilidade de salvação para os não-cristãos, além da percepção ainda mais abrangente de que Deus pode operar dentro e por meio de outras religiões, de que nelas há, na verdade, elementos que são “verdadeiros e santos”, conforme se

“Em vez de ver a Igreja como monopólio da verdade e mediadora única e exclusiva da graça por meio dos sacramentos, uma abertura maior para aquilo que a Igreja Católica poderia receber de outras perspectivas permitiu diálogo autêntico com outras tradições religiosas”

vê em *Nostra Aetate*.

**IHU On-Line - De que maneira as ideias de Rahner defendidas no concílio contribuem para o diálogo inter-religioso e o ecumenismo?**

**Heidi Russell** - A compreensão de Rahner de que a graça de Deus está presente, ao menos como oferta para todas as pessoas, levou a uma abertura na compreensão de como Deus poderia estar presente e operando em outras tradições. Em vez de ver a Igreja como monopólio da verdade e mediadora única e exclusiva da graça por meio dos sacramentos, uma abertura maior para aquilo que a Igreja Católica poderia receber de outras perspectivas permitiu diálogo autêntico com outras tradições religiosas.

**IHU On-Line - A senhora acredita que as ideias teológicas de Rahner foram assimiladas pela teologia em geral? Como ele é encarado na teologia de hoje?**

**Heidi Russell** - A teologia de Rahner foi assimilada a tal ponto que muitos nem se dão conta de que ela é o paradigma a partir do qual agora operam. Enquanto alguns setores da Igreja Católica continuam críticos em relação à teologia de Rahner, por vezes devido a uma interpretação errônea de sua teologia, não se pode negar o profundo impacto dessa teologia sobre a Igreja Católica de hoje. Avanços atuais na teologia e no método teológico foram mais longe do que Rahner, mas até certo ponto não deixam de estar calcados em suas intuições teológicas centrais. A teologia política e as teologias da libertação (por exemplo hispâ-

nica, feminista etc.) em muitos casos repousam sobre o fundamento rahneriano. Teólogos como Elizabeth Johnson<sup>1</sup> e Gustavo Gutierrez têm origem rahneriana e conseguiram desenvolver o âmago da teologia de Rahner de formas novas, contextualizadas.

**IHU On-Line - Passados 25 anos da sua morte, qual é importância de se resgatar o pensamento de Rahner na atual conjuntura da Igreja?**

**Heidi Russell** - Rahner escreveu tanto, que muitos teólogos só conhecem uma fração mínima do seu pensamento. Não faz muito tempo que apresentei um trabalho numa conferência, o qual tratava da importância da concepção de Rahner sobre a unidade entre espírito e matéria para o diálogo entre ciência e religião; em seguida, algumas pessoas vieram conversar comigo e disseram que não sabiam que Rahner havia escrito sobre este assunto. Penso que há muitas áreas da teologia de Rahner que precisam ser mais exploradas; atualmente, existe a necessidade de revelar suas ideias teológicas num contexto pós-moderno. Acredito que com isto ganharemos intuições teológicas que nos ajudarão nos próximos 25 anos e mais além!

<sup>1</sup> Elizabeth Johnson: teóloga feminista, atua como docente da Fordham University. De sua bibliografia, destacamos o livro *She who is: the mystery of God in feminist theological discourse* (New York: Crossroad, 1992). Ela concedeu uma entrevista à IHU On-Line, intitulada *Jesus e as imagens sobre Deus: para além do masculino e do feminino*, publicada na edição número 248, de 17-12-2007, *Jesus e o abraço universal*. Acesse no link [http://www.audiovisual.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=882](http://www.audiovisual.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=882). (Nota da IHU On-Line)

CONFIRA O CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

CONFIRA WWW.UNISINOS.BR/IHU



UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana



# Terra Habitável

## “O crescimento não nos torna mais ricos, mas sim mais pobres”

O economista e cientista político alemão Elmar Altvater teme que na crise sejam escolhidas pelos governos, mas também por movimentos sociais, estratégias de salvação do capitalismo

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

**A**inda repercutindo o debate levantado na IHU On-Line número 295, sobre a necessidade de pensarmos em uma economia mais compatível com a sustentabilidade do planeta, entrevistamos nesta semana, por e-mail, o economista alemão Elmar Altvater. Para ele, “na mais grave crise econômica da forma de produção capitalista desde sua origem, coloca-se de maneira dramática a alternativa entre a salvação do capitalismo e a passagem a uma forma de economia ecológica, ou seja, sustentável”. Ele aponta que “a sustentabilidade ecológica só é possível numa sociedade democrática e de distribuição equitativa de recursos”. No entanto, continua ele, esta sociedade “também é minada pela crise financeira e econômica”.

Elmar Altvater é professor de Ciência Política na Universidade Livre de Berlim. É autor de diversos livros e artigos nos quais estuda a evolução do capitalismo, a teoria do Estado, a política de desenvolvimento, a crise do endividamento e as relações entre economia e ecologia. Entre suas obras publicadas em português, citamos *O preço da riqueza. Pilhagem ambiental e a nova (des)ordem mundial* (São Paulo: Unesp, 1995). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Nesse momento de crise global da economia capitalista, quais são as possibilidades e os limites de se pensar uma economia que leve em conta a sustentabilidade da terra?**

**Elmar Altvater** - Na mais grave crise econômica da forma de produção capitalista desde sua origem, coloca-se de maneira dramática a alternativa entre a salvação do capitalismo e a passagem a uma forma de economia ecológica, ou seja, sustentável. É de se temer que na crise sejam escolhidas pelos governos, mas também por movimentos sociais, estratégias de salvação do capitalismo. Na Alemanha, com uma absurda subvenção ao sucateamento de automóveis (“Prêmio pelo desmantelamento” [Abwrackprämie]), a manutenção da sociedade automobilística

é prorrogada em direção ao futuro, quando, já devido ao “Peakoil” (pico do petróleo) e ao ameaçador colapso climático, ela não tem mais futuro e deve ser abandonada. Em outras nações podem ser encontrados exemplos semelhantes, que explicitam uma só coisa: precisamente na situação de crise é difícil forjar coalizões políticas para uma alternativa duradoura.

**IHU On-Line - Pensando em uma economia mais ecológica, quais seriam seus princípios e qual seria sua função na sociedade?**

**Elmar Altvater** - A longo prazo, a economia deve ser ecológica, ou seja, deve levar em conta as condições naturais de todas as transformações de matéria e energia. Caso contrário, a

economia capitalista destruirá suas próprias bases. Isto já está acontecendo, porque o rasto ecológico é muito maior do que deveria ser, em vista dos limitados recursos e da capacidade produtiva do Planeta Terra. O princípio ecológico da sustentabilidade deve orientar-se segundo o fluxo de energia e a capacidade de absorção das esferas terrestres para materiais nocivos. Expresso fisicamente, o aumento de entropia deve ser mantido em zero.

**IHU On-Line - É possível calcular o custo dos desgastes ambientais provocados pela economia clássica?**

**Elmar Altvater** - Há muitos esforços para calcular os custos dos prejuízos ambientais. O resultado é geralmente assustador. Entrementes, se pode par-

tir do fato de que os custos do acréscimo do produto social são 100 mais do que 100. Em outras palavras: o crescimento não nos torna mais ricos, mas sim mais pobres. Esta é possivelmente a razão para o aumento da pobreza no mundo, embora, nos objetivos de desenvolvimento do milênio, esteja planejada uma redução da pobreza em 50%. Em todo o caso, cálculos monetários dos prejuízos ambientais são mais do que problemáticos. Porque se pressupõe que a natureza possa ser expressa em valores monetários. Isso, por sua vez, exige propriamente um mercado no qual são constituídos preços, e no mercado só podem ser negociadas mercadorias, nas quais existem direitos de propriedade. Uma condição para o cálculo monetário é, por conseguinte: a natureza deve ser transformada em valor, para poder ser calculada monetariamente. Porém, qual é o valor de um peixe-boi, qual é a perda em valores monetários quando uma espécie é extinta? Quem calcularia os custos da perda do Dodô, uma ave de locomoção terrestre que, por ter sido tão lenta, foi abatida no século 18 até seu último exemplar? A avaliação monetária de danos ecológicos não tem nenhum sentido; no melhor dos casos, ela teria um valor pedagógico, de alarme.

**IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre o modo de vida urbano e o consumo desenfreado e não sustentável?**

**Elmar Altvater** - Cidades já existem desde a revolução neolítica na história da humanidade. Elas são os lugares da comunicação, da formação, da ciência, mas também da dominação concentrada e da exploração da terra. Na modernidade, as cidades são expressão do deslocamento da vida econômica da sociedade e da natureza. Pressuposto para isto é a mobilidade moderna com o automóvel, cujo combustível é extraído de portadores fósseis de energia. As cidades modernas são construídas para os automóveis, com autoestradas urbanas e parques de estacionamento, shoppings, os artefatos da superação de distâncias entre locais de moradia, trabalho, recreação, tempo livre etc. Isto só pode ser

## “Na situação de crise, é difícil forjar coalizões políticas para uma alternativa duradoura”

modificado se for estabelecido outro conceito não-fóssil de mobilidade.

**IHU On-Line - Como o senhor relaciona a questão da criação de necessidades, o consumo, o desperdício e o caos climático, considerando a contrariedade e o paradoxo disso com o momento de crise em que vivemos?**

**Elmar Altvater** - Por causa da crise econômica, muitas pessoas são ou serão compelidas à condição de pobreza e já nem tem mais muitas possibilidades para um consumo intensivo de recursos. Por outro lado, o consumo de baixo custo do supermercado é muito intensivo de recursos, pelo menos nas nações industrializadas. Por isso, a pobreza não irá reduzir duradouramente o consumo de recursos. Isto aponta para o fato de que a sustentabilidade ecológica só é possível numa sociedade democrática e de distribuição equitativa de recursos. Mas esta também é minada pela crise financeira e econômica. As medidas econômicas para o estado de necessidade foram todas tomadas, nas nações industrializadas, ao largo dos legítimos órgãos de uma sociedade democrática.

**IHU On-Line - Pensando numa sociedade ideal, quais poderiam ser apontadas como “justas” e “reais” necessidades humanas, que favorecessem a qualidade de vida e as condições ambientais? Uma mudança na economia seria aqui necessária?**

**Elmar Altvater** - A pergunta sobre a “vida boa” já foi levantada por Aristóteles. Sua resposta foi: uma vida sem aspirar por aquisição de capital, portanto, sem lucro e juros. Esta resposta também hoje ainda é correta e ela aponta, de maneira diversa do que na época de Aristóteles, por que então, na velha Grécia do 4º século antes de Cristo, ainda não existia nenhum capitalismo, para a necessidade

de uma superação do capitalismo e para uma revolução social e ecológica. Uma revolução política pode – como já muitas vezes na história (também são exemplos a revolução francesa e a russa) – ocorrer muito rapidamente como assunção do poder, mas uma revolução social e ecológica necessita muito tempo. Porque o sistema energético e uma forma de produção não podem ser modificados de hoje para amanhã, porém somente em décadas. Não obstante isso, trata-se de uma revolução e ela deve iniciar agora, se quisermos evitar o colapso climático.

**IHU On-Line - O senhor acredita que a sociedade está hoje mais consciente em relação ao caos climático, a ponto de mudar seus hábitos e provocar mudanças nas grandes corporações? Não é o capital que ainda tem mais poder?**

**Elmar Altvater** - A consciência da necessidade de frear a mudança climática está amplamente difundida. Mas os interesses econômicos no modo capitalista da agricultura e da indústria são muito fortes. Os consórcios transnacionais subscreveram em parte o compacto global do secretário geral da ONU, se obrigam voluntariamente à “corporate social responsibility”, porém buscam apenas o princípio do lucro. Eles só podem realizá-lo se a economia cresce e para isso eles necessitam de apoio político. É tarefa dos movimentos sociais defenderem-se contra a dominação dos consórcios multinacionais, formularem seus próprios projetos, intervirem em favor de energias renováveis e formas solidárias de promoção da economia. A crise atual do capitalismo também é, por isso, uma possibilidade de dar passos em frente nessa direção.

### LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Elmar Altvater:

\* “A crise atual certamente representa o fim do neoliberalismo, mas não necessariamente o fim do capitalismo”, publicada na IHU On-Line número 285, de 08-12-2008, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1498&id\\_edicao=313](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1498&id_edicao=313)

# Entrevista da Semana

## Técnicas agroecológicas podem substituir uso de agrotóxicos

Segundo Flávio Lewgoy, crianças são mais suscetíveis a contaminação por agrotóxicos

POR PATRÍCIA FACHIN

**D**ando continuidade ao debate sobre os danos dos agrotóxicos à saúde humana, tema de capa da IHU On-Line da semana passada, publicamos a entrevista a seguir, concedida por e-mail, pelo professor aposentado do Departamento de Genética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Flávio Lewgoy. Segundo ele, os números divulgados sobre a mortalidade e letalidade causadas pelos venenos agrícolas no Brasil “são obviamente muito inferiores”.

Lewgoy destaca a possível contaminação pelos domissanitários utilizados para matar insetos. De acordo com o pesquisador, três piretroides, ingredientes básicos desses produtos, e cartões de aparelhos de aquecimento elétrico para volatilização durante a noite “são avaliados como possíveis cancerígenos humanos: bifentrina, cipermetrina e permetrina”. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é o índice de infectados por agrotóxicos no país?**

**Flávio Lewgoy** - Milhões de pessoas, no campo, são expostas anualmente a pulverizações com agrotóxicos. A morbidade e a letalidade causadas pelos venenos agrícolas no Brasil em 2003, conforme o Sistema Nacional de Informações Agrícolas (Sinitox), são obviamente muito inferiores às reais. Por exemplo, o número notificado de casos de intoxicação por agrotóxicos em todo o Brasil, nesse ano, foi de 5.945. O total de mortes registrado foi de 164. Note-se que somente as intoxicações agudas e (quando notificadas) suas sequelas letais foram registradas. O número de centros regionais do sistema é insuficiente para abranger todo o país e, mais ainda, a notificação (para eles e deles para o Centro Nacional) não é obrigatória. Além disto, os efeitos crônicos podem surgir depois de semanas, meses, anos ou até mesmo gerações após a exposição aos agrotóxicos. Se o total de intoxicações agudas, numa estimativa conservadora, for dez vezes superior ao divulgado, ou seja, cerca

de 60.000 casos anuais, o número de intoxicações crônicas superaria facilmente esta cifra.

**IHU On-Line - Que impactos à saúde humana podem advir da exposição aos agrotóxicos?**

**Flávio Lewgoy** - Agricultores e outros trabalhadores rurais, que trabalham com organofosforados, têm comumente distúrbios agudos como náusea, tonturas, vômitos, dores de cabeça, dor abdominal, problemas dermatológicos e da visão. A contaminação com esses produtos está associada com problemas e/ou sintomas crônicos, tais como doenças respiratórias, distúrbios da memória, afecções dermatológicas, depressão, déficits de função cognitiva, insônia, dificuldade na respiração, fraqueza e dor no peito. A exposição a herbicidas e inseticidas, afirma o Instituto Nacional do Câncer (USA), é causa provável de linfoma de Hodgkin, leucemias, câncer de próstata, mieloma múltiplo e sarcomas. Outras pesquisas indicam a exposição ocupacional a agrotóxicos como causadora de au-

mento de risco de anomalias reprodutivas: espermatozoides com anomalias morfológicas, nascimento de crianças com palato fendido e anomalias nos sistemas músculo-esquelético e nervoso, além de abortos e infertilidade.

As crianças são mais sensíveis aos efeitos dos agrotóxicos do que os adultos, conforme a EPA (Agência de Proteção Ambiental Americana), porque seu organismo ainda está se desenvolvendo; em relação ao seu peso corporal, elas comem e ingerem líquidos em bem maior proporção que os adultos, aumentando a sua exposição aos agrotóxicos, inclusive aos denominados domissanitários usados em casa para matar mosquitos e baratas. Por exemplo, vemos e ouvimos em um conhecido anúncio de televisão de um “spray” (borrifador): “Terrível para os insetos. Só para os insetos”. Infelizmente, não é bem assim. Três piretroides, ingredientes básicos de “sprays” (como o do anúncio), e cartões de aparelhos de aquecimento elétrico para volatilização durante o período noturno, em recente artigo (EPA, 2008) são avaliados

## “Há todas as condições para alimentar o mundo com técnicas agroecológicas, que não utilizam agrotóxicos”

como possíveis cancerígenos humanos: bifentrina, cipermetrina e permetrina. Apesar da linguagem cautelosa, o significado é inequívoco em termos de risco, principalmente a crianças e adolescentes.

**IHU On-Line - O senhor alerta para o uso de agrotóxicos mutagênicos e cancerígenos nos alimentos. Pode explicar que agrotóxicos são esses e a relação deles com a incidência de câncer?**

**Flávio Lewgoy** - Resíduos de agrotóxicos foram detectados em grãos, folhosas, frutas e tubérculos, em análises da Anvisa, muitos em teores acima dos permitidos, outros não autorizados para a cultura e, mais ainda, princípios ativos já banidos em muitos países, em todas as culturas analisadas, todos eles mutagênicos e/ou cancerígenos. No relatório, são citados, entre muitos outros: acefato, carbaril, cipermetrina, deltametrina, dimetoato, endossulfan, folpete, metamidofós, paratrina metilica etc.

Segundo a EPA, (*“Porque as crianças podem ser especialmente sensíveis aos agrotóxicos”* – 2008), elas consomem duas e meia vezes mais calorias, inalam o dobro de ar e bebem muito maior volume de sucos e refrigerantes, por massa corporal, do que os adultos. Os agrotóxicos bloqueiam a absorção de importantes nutrientes, necessários ao crescimento; se o sistema excretor não estiver totalmente desenvolvido o organismo não eliminará totalmente os agrotóxicos, agravando seus efeitos, entre eles o câncer.

**IHU On-Line - Como compreender que as indústrias fumageiras, por exemplo, são apontadas como modelo de tecnologia, e ao mesmo tempo deixam seus funcionários expostos a substâncias tóxicas? Há um paradoxo**

**nesta questão?**

**Flávio Lewgoy** - A nosso ver, não há paradoxo na situação apontada. O aperfeiçoamento das ferramentas produtivas não está relacionado com a ética e sim com a maximização do lucro.

**IHU On-Line - Que agrotóxicos o senhor aponta como sendo os mais prejudiciais à fauna e flora?**

**Flávio Lewgoy** - Essas substâncias são altamente danosas a muitas espécies não-alvo dos mesmos, tais como plantas, anfíbios, insetos, pássaros e peixes. Os inseticidas piretroides cipermetrina, deltametrina e permetrina são muito tóxicos a peixes de água doce, marinhos e invertebrados. O inseticida fipronil, muito usado em cana-de-açúcar, é altamente tóxico a pássaros, peixes de água doce e marinhos. O malation é muito tóxico à vida aquática em rios e lagos. As abelhas têm desaparecido de regiões inteiras devido à ação de herbicidas e inseticidas.

**IHU On-Line - É possível hoje, de acordo com o modelo de produção agrícola predominante e com o crescimento da transgenia, não utilizar agrotóxicos?**

**Flávio Lewgoy** - Sim, de acordo com o órgão das Nações Unidas para a agricultura, a FAO, há todas as condições para alimentar o mundo com técnicas agroecológicas, que não utilizam agrotóxicos.

### LEIA MAIS...

>> Lewgoy concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Acesse no sítio do IHU.

Entrevista:

- *O pampa gaúcho entregue às multinacionais*, publicada em 12-4-2008, disponível no endereço [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detail&id=13154](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detail&id=13154).

PARTICIPE DO COLÓQUIO INTERNACIONAL A ÉTICA DA PSICANÁLISE: LACAN ESTARIA

JUSTIFICADO EM DIZER “NÃO CEDAS DE TEU DESEJO”? [NE CÈDE PAS SUR TON

DÉSIR]? INSCRIÇÕES ABERTAS NO SITE [WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU).

## Livro da Semana

*A secular age* (Cambridge: Harvard University Press, 2007)

### “Em uma era secularizada o perigo de se construir um horizonte fechado é muito grande”

Segundo o filósofo Elton Ribeiro, para Taylor a modernidade não implica a ausência da religião, e sim o desenvolvimento de novos impulsos espirituais

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

“**P**orque era praticamente impossível não crer em Deus, por exemplo, na sociedade ocidental de 1500, e hoje muitos sustentam que não apenas é fácil, mas mesmo inevitável?” Esse questionamento é feito por Charles Taylor, ao “interpretar nossa era como uma era da secularização”, explica Elton Ribeiro, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo o pesquisador, a partir dessa questão, Taylor faz uma releitura da história da secularização, apontando “primeiro para o enfraquecimento do papel e do poder da religião na vida pública. Segundo para uma queda na fé e nas práticas religiosas institucionais. O terceiro significado, vinculado intrinsecamente aos dois primeiros, apresenta a sociedade contemporânea como uma sociedade onde a fé em Deus deixou de ser algo comum, partilhado por todos”, assinala.

Elton Ribeiro é graduado em Filosofia, pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte. Atualmente, cursa doutorado em Filosofia na Gregoriana, onde estuda Filosofia Contemporânea, especialmente Ética em Charles Taylor e Alasdair MacIntyre. Também é professor assistente do curso de graduação em Filosofia, na Gregoriana. *A secular age* está sendo traduzido para o português pela Editora Unisinos, prevista para ser lançada em 2010. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em que consiste, exatamente, a tese da “era da secularização” de Charles Taylor?**

**Elton Ribeiro** - Para interpretar nossa era como uma era da secularização (*A secular age*), Taylor parte da seguinte questão: por que era praticamente impossível não crer em Deus, por exemplo, na sociedade ocidental de 1500, e hoje muitos sustentam que não apenas é fácil, mas mesmo inevitável? A partir desta questão-chave, ele faz uma releitura da história da secularização apontando alguns significados. Primeiro para o enfraquecimento do papel e do poder da religião na vida pública. Segundo para uma queda na fé e nas práticas religiosas institucionais. O terceiro significado, vinculado intrinsecamente aos dois primeiros,

apresenta a sociedade contemporânea como uma sociedade onde a fé em Deus deixou de ser algo comum, partilhado por todos, onde aquele que crê vive em uma sociedade com outras pessoas que vivem moralmente suas vidas sem nenhuma referência a Deus ou a uma realidade transcendente.

**IHU On-Line - Quais são os reflexos dessa secularização na pós-modernidade?**

**Elton Ribeiro** - O principal reflexo é a mudança daquilo que Taylor chama de “imaginário social”, argumento que ele já tinha trabalhado em *Modern social imaginaries* (2004). Por imaginário social, Taylor entende o modo pelo qual os indivíduos imaginam a própria existência social e de como a própria existência está vinculada a de outros indivíduos,

como a partir deste imaginário os indivíduos estruturam suas relações sociais, suas expectativas, suas capacidades de agirem no mundo e de interpretarem a si mesmos. Propriamente, a secularização produz neste imaginário a desconfiança quanto à possibilidade de uma visão unitária da religião, a ideia de que o pluralismo é um dado de fato, de que a secularização é uma via sem retorno.

**IHU On-Line - A sociedade de indivíduos, escondida por trás da fachada de autonomia, seria uma expressão dessa secularização? Por quê?**

**Elton Ribeiro** - Na medida em que, para Taylor, a secularização nasce ao interno do ocidente cristão, sobretudo como obra da Reforma, ela afirma a dimensão antropocêntrica da reli-

gião, avessa a tudo aquilo que pode parecer mágico e se torna mais atenta, por exemplo, ao discurso sobre os direitos humanos. Sem dúvida, este é um terreno fértil para a secularização. Porém, mais do que criticar o individualismo contemporâneo como Taylor fez em *The ethics of authenticity* (1991), trata-se de interpretar também as possibilidades que a secularização porta para a sociedade e os indivíduos, especialmente uma maior abertura ao diálogo com o diferente, uma maior compreensão do valor de cada indivíduo, e a humildade em reconhecer que a nossa maneira de ser não é a única porque ela representa uma dentre várias formas possíveis.

**IHU On-Line - De que forma a ética do reconhecimento pode nos ajudar a entender esse mundo fragmentado, pautado pela incerteza?**

**Elton Ribeiro** - O discurso sobre o reconhecimento de Taylor ele o desenvolve principalmente em *The ethics of authenticity* (1991) e *The politics of recognition* (1992). Nestes trabalhos, Taylor desenvolve a tese de que nossa identidade individual, especialmente em uma sociedade multicultural e secularizada como a nossa, não é algo que realizamos sozinhos. Nós definimos nossa identidade sempre em diálogo com os outros, especialmente aqueles outros que são significativos para nós. Para Taylor, o diálogo é uma característica importante, definitiva, dos seres humanos. Dialogar é central para compreender a realidade que nos circunda, mas antes de tudo, para compreender a nós mesmos. Porém, a dimensão dialógica da existência humana implica que os dialogantes sejam reconhecidos no espaço público onde cada um de nós forma e vive a própria identidade ético-cultural. Ora, em um mundo fragmentado e pautado por incertezas, reconhecer o outro em sua particularidade, reconhecer as diferenças fundamentais entre as culturas, nos ajuda a perceber que não existe uma única forma de interpretar o ser humano. Apenas a vivência comunitária nos capacita a reconhecer nossas fontes morais e o nosso horizonte moral de referência. E, como para Taylor o ser humano é constitutivamente moral, segue então a regra de

ouro: respeita e defende a ordem moral como queres que a sociedade defenda e respeite tua autonomia.

**IHU On-Line - Como compreender, por outro lado, que vivemos uma redescoberta do espírito? O mesmo homem que “matou Deus” agora quer fazê-lo reviver?**

**Elton Ribeiro** - A tese sobre a “morte de Deus” sempre foi um argumento muito debatido e contestado. Acredito que Taylor nos ajuda a perceber que, mesmo nesta imensa profusão de argumentações, a crença em Deus sempre continuou a existir e a guiar a vida de

**“Em um mundo fragmentado e pautado por incertezas, reconhecer o outro em sua particularidade, reconhecer as diferenças fundamentais entre as culturas, nos ajuda a perceber que não existe uma única forma de interpretar o ser humano”**

muitas pessoas. Daí a tese de Taylor de que a modernidade não pode ser entendida simplesmente como irreligiosa. A verdade é que, na medida em que antigas formas de religiosidade foram enfraquecendo, outras novas foram surgindo e ganhando força, como os novos movimentos leigos na Igreja Católica ou as novas igrejas pentecostais, por exemplo. Taylor parece estar convencido de que o problema não é a “morte

de Deus”, nem a questão da neutralidade ou não da ciência. A questão principal é que, em uma era secularizada, o perigo de se construir um horizonte fechado é muito grande. Horizonte que, muitas vezes acolhido acriticamente, reduz-se à busca de realização e felicidade meramente humanas, e não explica e justifica o anseio humano por justiça universal, por exemplo. Portanto, para Taylor, a modernidade não implica a ausência da religião ou fim das exigências espirituais do ser humano. Ao contrário, a modernidade implica o desenvolvimento de novos impulsos espirituais, religiosos ou não, mas muito mais fracionados com relação ao passado. Impulsos que segundo Taylor podem ser encontrados, por exemplo, na arte, na música e nos mais diversos aspectos da vida cotidiana.

**IHU On-Line - Taylor está a quase meio século defendendo que problemas com a violência ou a intolerância só podem ser resolvidos considerando tanto sua dimensão secular como espiritual. Como esse processo seria possível frente aos fundamentalismos religiosos e a radicalização da secularização?**

**Elton Ribeiro** - Os extremos da violência e da intolerância que se manifestam nos fundamentalismos e nas radicalizações são sempre difíceis de serem abordados. A busca incessante do justo meio entre os extremos também não é uma tarefa fácil porque exige um discernimento constante e uma abertura ao diálogo muitas vezes fatigosa. A busca do justo meio para Taylor vem de uma atenta interpretação das referências valorativas que tornam possíveis as ações humanas como ações que, guiadas por um conjunto articulado de sentimentos e de discernimentos, se direcionam para a realização dos bens considerados mais elevados e que Taylor classifica como hiperbens. Estes hiperbens dão o caráter moral às nossas ações concretas. Porém, diante da questão e buscando interpretar a partir de uma aproximação mais religiosa à problemática dos extremismos, penso que Taylor seria cauteloso em apontar alguma solução fácil. Em uma entrevista à Rádio

“A crença em Deus sempre continuou a existir e a guiar a vida de muitas pessoas. Daí a tese de Taylor de que a modernidade não pode ser entendida simplesmente como irreligiosa”

Vaticana em 2007,<sup>1</sup> ele falou sobre a importância dos líderes religiosos que se empenharam decisivamente pela paz buscando superar a violência e procurando soluções pacíficas para os problemas. Em *A secular age*, fazendo referimento à teologia de Santo Irineu, comenta que existe um contramovimento, que ele define como pedagogia de Deus, onde “Deus está educando lentamente a humanidade convertendo-a lentamente e transformando-a de dentro” (*A secular age*, 668).

<sup>1</sup> Confira a entrevista no endereço <http://www.radiovaticana.org/it1/Articolo.asp?c=123082>. (Nota do entrevistado)

#### LEIA MAIS...

Charles Taylor é um filósofo canadense, autor de vários livros entre os quais se destaca: *Sources of the self. The making of the modern identity*, editado em 1989 e traduzido para o português sob o título *As fontes do self. A construção da identidade moderna* (São Paulo: Loyola, 1997). Também é o autor do livro *The malaise of modernity*, publicado em 1991 e traduzido para várias línguas. Em espanhol o livro se intitula *La ética de la autenticidad* (Barcelona: Ediciones Paidós, 1994). Em português podem ser conferidos, ainda, *Argumentos filosóficos* (São Paulo: Loyola, 2000) e *Multiculturalismo: Examinando a política de reconhecimento* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998). Taylor recebeu, em 2007, o Prêmio Templeton para o Progresso da Religião, um reconhecimento atribuído, anualmente, a personalidades que se destacam pela originalidade no progresso da compreensão do mundo de Deus ou da espiritualidade. Há quase meio século, Taylor afirma que problemas como violência e intolerância só podem ser resolvidos considerando a dimensão secular ou espiritual.

DISCUTIR DEUS EM  
NOSSOS DIAS. ESSE É O  
TEMA DO X SIMPÓSIO  
INTERNACIONAL  
IHU: NARRAR DEUS  
NUMA SOCIEDADE  
PÓS-METAFÍSICA.  
POSSIBILIDADES E  
IMPOSSIBILIDADES.

INSCREVA-SE E PARTICIPE:  
[WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU).



## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) de 09-06-2009 a 14-06-2009.**

**“Os rios da Amazônia são os corredores da biodiversidade da floresta”**

**Entrevista com Glenn Switkes**

**Confira nas Notícias do Dia 09-06-2009**

Ao analisar os projetos de construção de hidrelétricas na Amazônia e os impactos ambientais e sociais desses projetos, o estadunidense, representante da Ong International Rivers na América Latina, diz que o governo brasileiro é cúmplice das empresas que visam apenas os lucros que obterão com a construção de barragens para o funcionamento desse modelo de energia para o país.

**Fertilizadora em Anitápolis: uma onda de silêncio e muito a ser discutido**

**Entrevista com Eduardo Bastos e Jorge Albuquerque**

**Confira nas Notícias do Dia 10-06-2009**

Está prevista, para a cidade de Anitápolis/SC, a construção de uma empresa de fertilização, comandada pela Bunge e Yara Brasil, causará muitos impactos ambientais, estruturais e sociais. No entanto, uma onda de silêncio ronda a questão e poucos ousam falar e colocar o tema em debate.

**Que conta é essa?**

**Entrevista com Telma Monteiro**

**Confira nas Notícias do Dia 11-06-2009**

A pesquisadora questiona, nesta entrevista, as contas que o governo tem divulgado para explicar que as hidrelétricas na Amazônia, e em outros países da América Latina, precisam ser construídas para suprir as necessidades de energia do Brasil. No entanto, segundo ela, o país não irá utilizar nem metade dessa energia que será usada.

**ANGRA 2: medo e insegurança**

**Entrevista com Rafael Ribeiro**

**Confira nas Notícias do Dia 12-06-2009**

Onze dias depois do acidente que ocorreu em Angra 2, a Eletronuclear resolveu lançar uma nota explicando o fato. A grande questão levantada por Ribeiro, nessa entrevista, é que, não fosse o fato de haver pressão de movimentos sociais e da imprensa, nada teria sido divulgado. E isso, segundo ele, gera insegurança na população.

**Venezuela: problemas estruturais aprofundados pela crise, mas uma melhoria de vida para a população**

**Entrevista com Gilberto Maringoni**

**Confira nas Notícias do Dia 13-06-2009**

Embora a revolução na Venezuela esteja acontecendo, e de maneira boa para seu povo, conforme repercute o jornalista e doutor em História Social, o país ainda vive dificuldades estruturais muito profundas.

**Conferência Nacional de Comunicação: a construção de um processo de baixo para cima**

**Entrevista com Adilson Cabral Neto**

**Confira nas Notícias do Dia 14-06-2009**

Segundo o doutor em Comunicação Social, “a Conferência (Nacional de Comunicação) é uma forma de construir o que a sociedade ainda demanda”.

### Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), publicada em 10-06-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

Leia as Notícias  
do Dia em  
[www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)



UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista





UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista



# Eventos da Semana

## Repensando Max Weber



Estudar economia para compreender o cenário que caracteriza a crise atual é uma prática de extrema importância em nossos dias. E refletir sobre os grandes clássicos, que sempre trazem respostas nesses momentos, pode ser um bom caminho. Ainda mais se este estudo for por EAD, a modalidade de Ensino a Distância. Esta é a proposta do Ciclo de Estudos em EAD – **Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU. O quarto tópico do evento inicia hoje, segunda-feira, dia 15 de junho, e estende-se até o dia 4 de julho, período em que os participantes terão uma visão das principais ideias de Max Weber e as implicações de seu clássico *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

Para saber mais sobre Weber e a obra em questão, basta acessar o sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) e fazer download do **Cadernos IHU em formação** número 3, de 2005. Lá, podemos ler que “a obra de Weber, complexa e profunda, constitui um monumento da compreensão dos fenômenos históricos e sociais e, ao mesmo tempo, da reflexão sobre o método das ciências histórico-sociais”. Acesse a página do IHU e obtenha mais informações.

## A subjetividade do trabalhador em debate

18 de junho, quinta-feira, é dia de IHU Ideias, evento semanal promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Desta vez, o tema em questão será “Trabalho e subjetividade: da Sociedade Industrial à Sociedade Pós-industrial”, e estará sob a responsabilidade de Cesar Sanson, pesquisador do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, com sede em Curitiba. O assunto foi abordado pelo palestrante em sua tese de doutorado em Ciências Sociais, recentemente defendida na UFPR. Cesar Sanson já abordou o tema deste evento na edição nº 60 dos **Cadernos IHU Ideias**, intitulada *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida*, e que está disponível no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). Ele também concedeu uma entrevista sobre o assunto na IHU On-Line número 291, de 04-05-2009, onde afirmou que, “na sociedade pós-industrial/pós-fordista, se pede ao trabalhador que se disponha a inventar e a produzir novos procedimentos cooperativos, que colabore, que se explicita, apresente ideias”. E que “a forma de trabalhar associada ao pós-fordismo é vista como a passagem de uma lógica da reprodução para uma lógica da inovação, de um regime de repetição a um regime de invenção”.

O IHU Ideias é um evento gratuito e aberto à comunidade em geral, que acontece na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h.

## Escola de Formação Fé, Política e Trabalho 2009

No próximo final de semana, dias 20 e 21 de junho, será realizado mais um encontro da Escola de Formação Fé, Política e Trabalho 2009. Será a quarta, das dez etapas desta sexta edição. Na ocasião, o Centro Diocesano de Formação Pastoral, localizado em Caxias do Sul, será palco da palestra com o Prof. MS Lucas Henrique da Luz, sobre o “contexto cultural na pós-modernidade na sociedade capitalista. A crise civilizacional e os novos valores”, no sábado, e com a Profa. Dra. Marilene Maia, sobre o tema “Democracia participativa: políticas públicas e sociais, espaços de participação e controle social”, no domingo. Ambos os professores são colaboradores do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

O objetivo geral da Escola de Formação Fé, Política e Trabalho, que na edição deste ano de 2009 vai até dezembro, é contribuir para a formação e articulação de lideranças nos vários âmbitos de atuação da realidade, gestando a criação de uma mentalidade nova, mais de acordo com o Ensino Social da Igreja, que permita um sentir e agir cristão comprometido e responsável pela construção de uma sociedade solidária. Acesse [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) para obter mais informações.



## Darwin revolucionou nossa visão cósmica

Poucas pessoas na história da humanidade revolucionaram nossa visão cósmica. “Darwin foi uma delas”, assegura o pesquisador Francisco Mauro Salzano. A partir do pensamento do cientista britânico, nos demos conta de que não somos espécie única

POR MÁRCIA JUNGES

“**A**o invés de sermos uma espécie única, somos apenas uma entre milhões de outras.” A afirmação é de Francisco Mauro Salzano, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. De acordo com ele, “a visão do mundo na Idade Média não podia ser mais monótona. O mundo teria sido criado por uma entidade divina em uma versão fixa, e as condições atuais seriam exatamente as mesmas do início. Com Darwin, ficou claro que a natureza não foi criada para nos servir, e que somos apenas um elo na grande irmandade do mundo biológico”. E completa: “Na história da humanidade, são poucas as pessoas cujo pensamento revolucionou nossa visão cósmica. Darwin foi uma delas”. Salzano é palestrante em 16-06-2009, no Pré-Evento ao Simpósio Internacional Ecos de Darwin, com o tema A evolução como uma visão revolucionária do mundo. A atividade inicia às 17h30min, na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. O Simpósio Internacional Ecos de Darwin está marcado de 9 a 12 de setembro de 2009. A programação completa pode ser conferida no sítio do IHU: [http://www.unisinos.br/\\_ihu/index.php?option=com\\_eventos&Itemid=19&task=detalhe&id=127](http://www.unisinos.br/_ihu/index.php?option=com_eventos&Itemid=19&task=detalhe&id=127).

Graduado em História Natural pela UFRGS, é especialista em Genética pela Universidade de São Paulo (USP) e em Genética e Biologia Molecular, pela UFRGS. Doutorou-se em Biologia Genética, pela USP, com a tese *O problema das espécies crípticas – Estudos no subgrupo Bocainensis (Drosophila)*. É pós-doutor pela Universidade de Michigan, nos Estados Unidos e livre-docente pela UFRGS. Autor de mais de 200 artigos científicos, escreveu as obras *Biologia, cultura e evolução* (2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993), *Evolução do mundo e do homem: liberdade ou organização?* (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995) e *DNA, e eu com isso?* (São Paulo: Oficina de Textos, 2005). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual foi a principal novidade trazida por Darwin em *A origem das espécies*?**

**Francisco Mauro Salzano** - Foi o livro de Darwin que colocou em firmes bases científicas o estudo da evolução, dando ênfase à seleção natural como seu principal fator determinante. As obras anteriores sobre evolução não eram satisfatórias porque se limitavam a análises gerais, sem embasamento experimental.

**IHU On-Line - Sob quais aspectos essa obra lança um novo paradigma de ciência?**

**Francisco Mauro Salzano** - Tem-se dito que o mundo nunca mais seria o mesmo após a publicação de *A origem das espécies*. O livro possibilitou completar o trabalho de Nicolau Copérnico (1473-1543) de deslocamento de nossa espécie tanto do centro do universo (Copér-

nico) quanto do centro dos organismos vivos (Darwin). Ao invés de sermos uma espécie única, somos apenas uma entre milhões de outras.

**IHU On-Line - Por que a evolução pode ser compreendida como uma visão revolucionária de mundo?**

**Francisco Mauro Salzano** - A visão do mundo na Idade Média não podia ser mais monótona. O mundo teria sido criado por uma entidade divina em uma versão fixa, e as condições atuais seriam exatamente as mesmas do início. Com Darwin, ficou claro que a natureza não foi criada para nos servir, e que somos apenas um elo na grande irmandade do mundo biológico.

**IHU On-Line - Que aspectos de *A origem* continuam atuais e quais já foram superados?**

**Francisco Mauro Salzano** - O fator principal que orquestra todo o processo de evolução orgânica continua reconhecido como sendo a seleção natural. Outros aspectos, como o alvo principal de sua ação [se é o organismo, como postulou Darwin, se é a unidade da herança (o gene), ou toda uma população], é um problema ainda em discussão. Darwin também supunha que as mudanças evolucionárias eram geralmente pequenas e graduais, enquanto alguns pesquisadores atualmente questionam esta visão, sugerindo mudanças drásticas em alguns casos de alterações fundamentais de estrutura.

**IHU On-Line - O neodarwinismo capta a originariedade do darwinismo? Por quê?**

**Francisco Mauro Salzano** - A essência

do darwinismo, a evolução através principalmente da seleção natural, continua onipresente.

**IHU On-Line - Qual é a relação entre Darwin e a revolução molecular?**

**Francisco Mauro Salzano** - A revolução molecular possibilitou o estudo da evolução em níveis até bem pouco tempo inimagináveis. Sugestões da década de 1970 do século passado, desenvolvidas principalmente pelo geneticista japonês Motoo Kimura, de que em nível molecular o processo seria governado basicamente pelo acaso não foram confirmadas por estudos desenvolvidos desde aquela época.

**IHU On-Line - E qual é a importância do legado darwiniano dentro da sua pesquisa acadêmica, como pesquisador?**

**Francisco Mauro Salzano** - Toda a minha pesquisa acadêmica tem se desenvolvido sob a égide do darwinismo.

**IHU On-Line - Qual é o significado de se comemorar o bicentenário do nascimento de Darwin?**

**Francisco Mauro Salzano** - Tendo em vista o que já foi mencionado, tornava-se indispensável comemorar de maneira apropriada o seu nascimento. Na história da humanidade, são poucas as pessoas cujo pensamento revolucionou nossa visão cósmica. Darwin foi uma delas.

#### LEIA MAIS...

>> Confira a programação completa do IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin no link [http://www.unisinos.br/eventos/ecos\\_darwin/](http://www.unisinos.br/eventos/ecos_darwin/), no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

#### BAÚ DA IHU ON-LINE

##### \* "Somos melhores depois de Darwin"

Entrevista especial com Anna Carolina Regner, **Notícias do Dia**, de 17-03-2009, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=20440](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=20440)

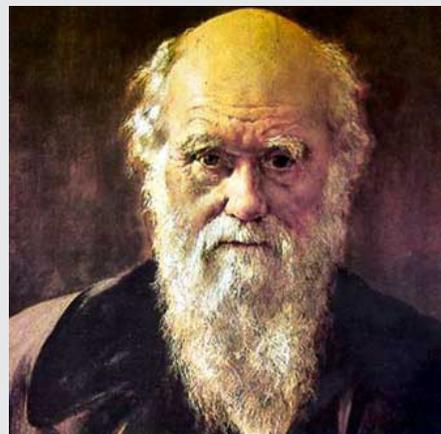
##### \* A ciência antes e depois de Darwin

Entrevista especial com Lillian Al-Chueyr Pereira Martins e Roberto de Andrade Martins, **Notícias do Dia**, de 15-12-2008, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=18895](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=18895)

##### \* A questão das espécies antes de Darwin

**Notícias do Dia**, de 03-06-2009, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22805](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22805)

\* **Darwin matou Deus?** **Notícias do Dia**, de 17-05-2009, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22330](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22330)



ESTÃO ABERTAS AS  
INSCRIÇÕES PARA  
O IX SIMPÓSIO  
INTERNACIONAL IHU:  
ECOS DE DARWIN, QUE  
ACONTECE DE 9 A 12  
DE SETEMBRO. FAÇA  
SUA INSCRIÇÃO AGORA:  
[WWW.UNISINOS.BR/](http://WWW.UNISINOS.BR/)  
IHU.

## IHU Repórter

## Camila Padilha da Silva

POR GRAZIELA WOLFART | FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

**A**os 29 anos, a estudante de Direito e secretária responsável pela recepção do Instituto Humanitas Unisinos, Camila Padilha da Silva, conta na edição desta semana a sua história de vida para a **IHU On-Line**. Conheça um pouco mais desta moça alegre, que gosta de estar na companhia da família e dos amigos, adora sair para dançar e tem facilidade para fazer amizades. Além disso, Camila tem muitos sonhos e busca a felicidade ao renascer todos os dias. “Tenho muita fé nas pessoas e acredito que o mundo pode ser melhor do que é hoje”, afirma ela. Confira:



**Origens** - Nasci em Porto Alegre, mas fui registrada em São Leopoldo e sempre morei aqui. Portanto, me considero uma cidadã leopoldense. Nós morávamos com meus avós paternos em São Leopoldo, até eu completar dois anos de idade. Daí meus pais se separaram, e eu e minha mãe fomos morar com meus avós maternos, sempre aqui na cidade. Vivemos assim até hoje.

**Infância** - Minha infância foi muito boa. Mesmo meus pais estando separados, nós sempre tivemos uma boa relação com a família dele, sempre mantivemos contato. Tenho uma irmã mais nova apenas por parte de pai. Não temos muito contato, mas nos falamos de vez em quando, pois meu pai mora em Franca, São Paulo, com a atual família, há mais de 15 anos.

**Apoio de filha** - Minha mãe trabalhava na indústria calçadista, como recepcionista de uma fábrica. No entanto, ela teve de parar de trabalhar cedo e se aposentou por invalidez, porque descobriu, aos 32 anos, ser portadora de esclerose múltipla no nervo óptico. Isso faz com que ela tenha a visão debilitada. Ela enxerga aproximadamente

20% da visão normal. Nunca pode sair sozinha, precisa sempre de um acompanhante, por isso vou seguidamente com ela ao Hospital de Clínicas, em Porto Alegre. Mas ela trata bem disso, com medicação toda a semana. Apesar de estar controlada, a gente convive permanentemente com uma angústia, porque é uma doença degenerativa e que pode atingir outras partes do corpo. Minha mãe é um exemplo de vida, de muita garra, de força, porque ela tem de lutar todos os dias contra essa doença.

**Um amor de neta** - Eu sempre digo que tenho duas mães e dois pais, pois cresci ao lado dos meus avós. Eu tenho meu pai, mas, como ele sempre morou longe, quem me deu a base para a vida, quem me ensinou os valores que me regem, e o que tenho de melhor em mim até hoje foi o meu avô. Minha ligação com ele era muito forte. Esta semana fez dois anos que ele faleceu. Meus avós ajudaram a minha mãe no momento em que ela mais precisou e estamos juntos até hoje, sempre unidos, uns ajudando os outros. Eles sempre me ensinaram a ser humilde e a lidar com todos da mesma maneira,

sem fazer diferença, tratando a todos com educação.

**Formação** - Minha primeira lembrança escolar foi quando cursei o Jardim na Escola Jesus Menino, aqui em São Leopoldo. Foi uma parte muito boa da minha infância. Eu tinha aulas de judô, comia as comidinhas e era meu avô quem me levava. Da primeira à quinta série do ensino fundamental, estudei na Escola Maria Gusmão Brito, e da sexta à oitava série fui para o Visconde de São Leopoldo. Cursei o ensino médio no Instituto Rio Branco, aqui na cidade, onde fiz técnico em processamento de dados. E, em 2001, entrei na faculdade de Direito, aqui na Unisinos. Pretendo concluir o curso dentro de dois anos e penso em fazer um mestrado, para quem sabe até dar aulas ou participar de pesquisas aqui na universidade.

**Trajectoria profissional** - Meu primeiro emprego foi como estagiária em um escritório de contabilidade. Mais tarde, trabalhei em uma loja de fotocópias. Depois, por um bom tempo, trabalhei na área administrativa de corretoras de seguros. Durante quatro



>> CAMILA APROVEITANDO AS FÉRIAS



anos, mandei o meu currículo para a Unisinos, pois era meu sonho trabalhar aqui, não só por entender que era interessante trabalhar em uma universidade, mas porque eu sabia que os funcionários recebem bolsa para fazer a faculdade. E eu queria muito ter um curso superior. Depois de muita insistência, fui chamada para uma vaga temporária, para cobrir a licença maternidade de uma das secretárias do Instituto Humanitas Unisinos. Eu aceitei, pois sabia que era uma oportunidade de mostrar o meu trabalho. Eu não pude mesmo continuar no IHU depois desse período. Então, consegui ser efetivada como funcionária da Unisinos em uma vaga que surgiu nesse período, mas no setor da Proenpe, que na época era a pró-reitoria de ensino e pesquisa. No entanto, nunca desisti de voltar para o IHU. Continuei mantendo o contato com as pessoas daqui e consegui voltar quando abriu uma vaga para a recepção do Instituto, onde estou até hoje, cumprindo também funções da secretaria do IHU.

**Nas horas livres** - Gosto de estar com a minha família, de tomar chimarrão, de sair para dançar, de conversar com meus amigos, escutar música, ir ao cinema, de ler e de curtir minha cachorrinha, a Kitty.

**Sonhos** - Meu grande sonho é me realizar profissionalmente, atuando no Direito associado à questão social. Quero poder ajudar as pessoas com meu trabalho. Quem sabe não posso ser uma defensora pública? Acho que o Direito, o Serviço Social

e a Psicologia são áreas que caminham juntas. Sonho em trabalhar na minha área não pensando apenas no retorno financeiro, mas na satisfação pessoal também. Também quero casar, ser mãe, construir uma família.

**Momento feliz e triste** - Entre os momentos mais felizes da minha vida, gosto de lembrar o dia em que fui efetivada como funcionária da Unisinos e quando desfilei na Sapucaí, no Carnaval de 2007, realizando um sonho antigo. Quando coloquei meu pé na avenida e senti o som da batucada, foi inexplicável. Também realizei de quebra o sonho de conhecer o Rio de Janeiro. Foi muito bom. E o momento mais triste da minha vida foi quando meu avô faleceu.

**Literatura** - Quando não estou lendo para a faculdade, busco a literatura espírita e de autoajuda. Gosto dos livros da Zibia Gasparetto.

**Vivência de fé** - Tenho muita fé em Deus. Acredito que Ele está presente em tudo o que acontece na nossa vida. Meu avô era católico, me levava no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, onde está o túmulo do Pe. Reus, aqui em São Leopoldo. Sou batizada e fiz a primeira comunhão na Igreja Católica. Mas hoje minha crença é mais voltada para a doutrina espírita, o que herdo da família do meu pai. Os encontros da doutrina espírita sempre me acrescentaram mais do que as missas. Gosto das orações católicas, vejo muita espiritualidade nelas. Mas compartilho

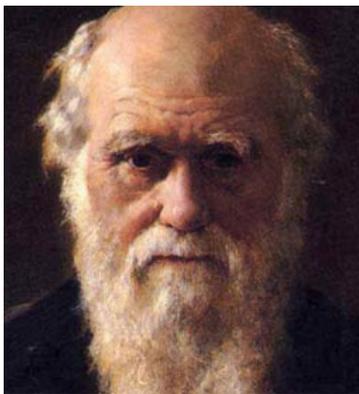
da crença espírita de vida após a morte. Acredito que não viemos a este mundo por acaso e que todos temos nosso tempo aqui determinado.

**Política** - No momento, estou muito decepcionada com a política brasileira. Mas não anulo meu voto, porque acho que é um direito que devemos exercer como cidadãos. Se votando temos esse cenário aí, não votando é pior. A esperança é a última que morre. Mas hoje me sinto traída pelas pessoas em quem depusitei a confiança de me representar.

**Unisinos** - É uma grande fonte de conhecimento, de aprendizagem. Aqui as pessoas vêm buscar seus sonhos e os alcançam. O espaço do câmpus é maravilhoso e favorece o convívio. Aqui se aprende não apenas na sala de aula, mas em todos os lugares, até no momento do cafezinho ou do exercício físico.

**Instituto Humanitas Unisinos** - Trabalhar no IHU é um desafio, pois aprendemos todos os dias, temos de estar sempre atentos às novas tendências. O Instituto é um lugar de muita sabedoria, de troca de ideias, onde está sempre se discutindo coisas novas e sempre correndo na frente. Temos permanentemente a sensação de que é preciso estar sempre na frente. Quem chega ao IHU me vê primeiro. Então, acabo traçando um perfil da visão inicial que as pessoas têm do Instituto. E posso afirmar que a grande maioria se aproxima do IHU por causa da revista **IHU On-Line**. Muitos vêm também pelas outras publicações, pelos eventos ou pelo atendimento espiritual. Mas a primeira imagem é de que o IHU faz a revista. Essa seria a “cara” do Instituto, pelo que percebo aqui.

# Destaques



## A evolução e a revolução em Darwin

Francisco Mauro Salzano é o palestrante do Pré-Evento ao **Simpósio Internacional Ecos de Darwin**, com o tema *A evolução como uma visão revolucionária do mundo*. A atividade acontece das 17h30min às 19h do dia 16-06-2009, na Sala 1G119 do IHU. O **Simpósio Internacional Ecos de Darwin** será de 9 a 12 de setembro de 2009. A programação completa pode ser conferida no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). Confira uma entrevista com o professor Salzano nesta edição.

## Religiões do Mundo

De 10-08-2009 e 08-10-2009, será exibida uma série de sete documentários organizados e apresentados pelo teólogo alemão Hans Küng, intitulada **Religiões do Mundo**. O projeto contempla as três maiores correntes religiosas presentes no Planeta: as religiões da sabedoria de origem chinesa (Confucionismo e Taoísmo), as religiões da mística de origem indiana (Hinduísmo e Budismo) e as religiões da profecia de origem no Oriente Médio (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo). Os vídeos serão exibidos no IHU e na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, com sessões comentadas. A TV Unisinos (Canal 32 da Net ou 30 em UHF) exibirá os documentários de 10-08-2009 a 21-09-2009, sempre às segundas-feiras, às 18h. O evento é uma parceria do IHU com o Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil. Mais informações em [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).



## Repensando Max Weber

O **Ciclo de Estudos em EAD – Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU, inicia hoje seu quarto tópico, em que os participantes terão uma visão das principais ideias de Max Weber e as implicações de seu clássico *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Para saber mais sobre Weber e a obra em questão, basta acessar o sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) e fazer *download* da edição nº 3 dos **Cadernos IHU em formação**, de 2005. Acesse a página do IHU e obtenha mais informações sobre o evento.